

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

MAURÍCIO PACHECO AMARO

AS ALMAS DE TOM RIDDLE:
A manifestação do Duplo na personagem Lord Voldemort, da série literária
Harry Potter

Porto Alegre
2013

MAURÍCIO PACHECO AMARO

AS ALMAS DE TOM RIDDLE:

**A manifestação do Duplo na personagem Lord Voldemort, da série literária
*Harry Potter***

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras, ênfase em Inglês-Português.

ORIENTADORA: Prof^a. Dra. Sissa Jacoby

Porto Alegre

2013

MAURÍCIO PACHECO AMARO

AS ALMAS DE TOM RIDDLE:

**A manifestação do Duplo na personagem Lord Voldemort, da série literária
*Harry Potter***

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras, ênfase em Inglês-Português.

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Dra. Sissa Jacoby

Profª. Dra. Ana Maria Tramunt Ibaños

Profª. Dra. Regina Kohlrausch

Porto Alegre
2013

Dedico este trabalho a todos aqueles que, assim como eu, mantêm viva a memória de *Harry Potter*, não importa em que lugar estejam, quem sejam ou de que maneira façam isso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Tania e Luiz, que possibilitaram grande parte das minhas leituras, principalmente as de *Harry Potter*, uma vez que sem eles eu não teria condições de adquirir os livros. Da mesma forma, digo “muito obrigado” por cada centavo, suor e amor derramados por eles para que eu pudesse chegar até aqui, no momento mais importante da minha graduação em Letras.

Ao meu irmão, Marcelo, eu agradeço pelo incentivo e pelos momentos em que trocamos saberes e descobertas acadêmicas, que tenho certeza muito contribuíram para que crescêssemos em uma caminhada que fizemos juntos rumo à conquista do título de graduados em Ensino Superior. Também vai a ele meu agradecimento pela amizade sincera e pela compreensão.

Aos amigos, colegas, conhecidos e desconhecidos que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse galgar cada degrau que galguei ao longo desses quatro anos e meio na faculdade, também agradeço. Cabem aqui também as desculpas pelas ausências ou distanciamentos que, infelizmente, foram necessárias para que o objetivo deste trabalho fosse cumprido.

À professora Sissa Jacoby agradeço não apenas pela orientação, mas também por ter me dado a oportunidade mágica e única de fazer parte do projeto de Iniciação Científica do qual se originou esta monografia. Agradeço pela paciência, pela confiança e por toda a ajuda dada durante este um ano e meio em que trabalhamos juntos.

A todos vocês: muito obrigado!

Afinal, para a mente bem estruturada, a morte é
apenas a grande aventura seguinte.
(Harry Potter e a pedra filosofal, p. 253-254)

RESUMO

Estudo da manifestação do Duplo na personagem Lord Voldemort, da série literária *Harry Potter*, de J.K. Rowling, a partir da análise de sua trajetória de vida, ao longo dos sete volumes que compõem a obra. Com base nas teorias de Otto Rank, Juan Bargalló e Yves Pélicier, buscou-se identificar os modos como o Duplo se manifesta, bem como as características que permitem aproximá-lo das tipologias estabelecidas pelos teóricos estudados. O estudo concluiu que a personagem analisada manifesta o Duplo ao dividir sua alma em oito partes, ato que acarreta tanto as transformações físicas pelas quais passa no decorrer da série quanto a prisão do seu espírito em um limbo após a sua morte.

Palavras-chave: Duplo. Harry Potter. Lord Voldemort.

ABSTRACT

Study of the manifestation of the Double in the character Lord Voldemort, of the literary series *Harry Potter*, by J.K. Rowling, from the development of his life story over the seven volumes that make up the work. Based on the theories of Otto Rank, Juan Bargalló and Yves Pélicier, we sought to identify the ways in which the Double manifests, as well the features that allow us to approach it of the typology established by the theorists studied. The study concluded that the analyzed character expresses Double when he splits his soul into eight parts, an act that causes either his physical transformations throughout the series as the arrest of his spirit in a limbo after his death.

Key words: Double. Harry Potter. Lord Voldemort.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 HARRY POTTER: UM MITO MODERNO.....	12
1.1 O FENÔMENO “POTTERHEAD”	14
1.2 O MUNDO MÁGICO DE HARRY POTTER.....	16
2 O DUPLO NA LITERATURA.....	22
2.1 ALMA, VIDA E MORTE: O DUPLO DE OTTO RANK	23
2.2 TIPOS DE DUPLOS E SUAS CARACTERÍSTICAS	28
3 TOM SERVOLO RIDDLE: EIS LORD VOLDEMORT.....	33
3.1 O ÓRFÃO TOM SERVOLO RIDDLE	34
3.2 HORCRUXES: A ASCENÇÃO E A QUEDA DO LORD DAS TREVAS	39
3.3 O DUPLO EM VOLDEMORT	52
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

O Duplo é uma recorrência temática em narrativas ficcionais desde os primórdios do pensamento humano, tendo como origem os mitos e crenças de povos antigos. Ao longo dos séculos e do desenvolvimento da arte literária universal, diversos autores abordaram esse tema sob a ótica das preocupações de suas épocas, mas sem fugirem da questão fundamental que envolve a criação de um Duplo: o medo da morte.

A mortalidade do homem e a tentativa de escapar dessa condição não são, no entanto, a única motivação para o surgimento de um Duplo. O desdobramento do Eu apresenta-se na literatura também sob o prisma da dualidade inerente ao ser humano, ou seja: a dicotomia *bem* e *mal* também se revela como mote para o aparecimento do Eu e do Outro.

O período considerado clássico do tema na literatura é o século XIX, época na qual foram escritas diversas obras com essa temática. Provavelmente por isso, muitos dos estudos existentes sobre o Duplo tenham se dedicado a analisar textos de autores como Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant, Dostoievski e Oscar Wilde, apenas para citar alguns exemplos canônicos. Mas é importante observarmos que a literatura contemporânea apresentou nas últimas décadas uma grande produção de textos literários relativos ao desdobramento do Eu, o que apenas nos mostra que uma atualização teórica é necessária.

A partir dessa necessidade de trazer os estudos sobre o Duplo para obras de ficção contemporânea, foi criado o projeto de pesquisa intitulado “NARRATIVAS DO DUPLO: desdobramentos do EU na ficção contemporânea (1980-2010)”, iniciado em agosto de 2012 e finalizado em julho de 2013. Esse projeto, coordenado pela professora Sissa Jacoby, vincula-se ao Núcleo de Estudos e Teorias do Imaginário, do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

A presente monografia origina-se do projeto de pesquisa citado acima, visto que a imersão nos estudos sobre o tema, fosse a partir das leituras do *corpus* teórico e literário ou da redação de ensaios analíticos referentes aos textos lidos, proporcionou conhecimento a respeito do Duplo e incentivou a produção de um trabalho ramificado ao realizado no projeto. Justificamos, assim, a escolha do tema

deste trabalho, uma vez que iremos abordar a manifestação do Duplo a partir de uma obra de ficção contemporânea.

Escolhemos a série literária *Harry Potter*, de J.K. Rowling, como a peça ficcional contemporânea a ser trabalhada. Essa escolha se deve, primeiramente, por termos grande apreço por ela. Sob outro aspecto, os sete livros que compõem a história do menino bruxo estão repletos de elementos que sugerem ou representam a duplicidade do Eu, passando por espelhos, por retratos e por tantos outros símbolos referentes ao tema, o que também justifica a escolha da série. Além desse fato, as obras de Rowling, reconhecidas mundialmente como um fenômeno editorial, já foram estudadas em diversos trabalhos de nível acadêmico, mas nenhum abordando a temática do Duplo, o que torna esta monografia um estudo pioneiro.

Dos muitos desdobramentos do Eu presentes na série, nos limitaremos a analisar especificamente a principal personagem antagonista criada por Rowling, Tom Riddle – que no decorrer da obra passa a se chamar Lord Voldemort. A análise ocorrerá principalmente no âmbito da relação entre as suas “almas”, uma vez que ele divide seu espírito em partes, e a manifestação do Duplo que surge a partir delas.

A partir da delimitação do tema da pesquisa, buscamos justamente identificar como ocorre essa manifestação do Duplo em Lord Voldemort, determinando as transformações físicas e psicológicas pelas quais a personagem passa ao longo da série. Igualmente, temos como objetivo definir em quais tipologias de Duplo se encaixa o desdobramento do Eu apresentado pela personagem.

Para atingirmos nossos objetivos, realizamos, primeiramente, a leitura das sete obras de *Harry Potter*, concentrando nossa atenção na personagem objeto desta monografia. Da mesma forma, estudamos textos relativos ao Duplo na literatura, que são a base teórica do trabalho, para que pudéssemos analisar Lord Voldemort. A análise foi feita a partir da elaboração de uma síntese da trajetória da personagem na série.

Esta pesquisa, de caráter estritamente bibliográfico, se divide em três capítulos. O primeiro, *Harry Potter: um mito moderno*, fornecerá um breve panorama sobre o sucesso mundial em que a série se tornou, tanto no meio literário quanto em outras plataformas midiáticas e artísticas, como cinema e teatro, bem como fará uma síntese das sete obras que a compõem.

O segundo capítulo, *O duplo na literatura*, trará uma revisão teórica dos estudos acerca do tema em textos literários, debruçando-se sobre o texto basilar referente à temática: *O duplo*, de Otto Rank. Após, trabalharemos com outros dois estudos posteriores a Rank, *Hacia una tipología del doble: el doble por fusión, por fisión e por metamorfosis*, de Juan Bargalló, e *La problématique du Double*, de Yves Pélicier.

No terceiro e último capítulo, *Tom Servolo Riddle: Eis Lord Voldemort*, apresentaremos a personagem Tom Riddle/Lord Voldemort, sob uma perspectiva cronológica e biográfica dentro das obras da série. Partindo de algumas passagens a respeito do antagonista, poderemos, então, identificar a manifestação do Duplo presente nele, definindo, ainda, as tipologias de Duplo nas quais essa personagem se encaixa.

Estudar a temática da duplicidade do Eu é revisitar o passado da humanidade e, por conseguinte, compreender um pouco mais sobre as nossas origens e sobre a nossa identidade enquanto seres pertencentes a este mundo. Parece-nos que, ainda hoje, embora séculos tenham se passado desde as primeiras reflexões sobre a condição mortal do homem, estamos lutando veementemente contra a maior das aflições de todo ser humano: a morte é a única certeza que temos nesta vida.

1 HARRY POTTER: UM MITO MODERNO¹

Foi uma questão de descobrir por que Harry estava onde estava, por que seus pais haviam morrido. Eu estava inventando tudo isso, mas para mim era como se fosse uma pesquisa. Ao final daquela viagem de trem, eu sabia que seria uma série de sete livros. Sei que isso soa extremamente arrogante para alguém que nunca tinha publicado nada, mas foi assim que imaginei. Levei cinco anos para planejar a série, para criar o enredo dos sete romances. Sei quando, o que e quem vem chegando, e sinto que é como se estivesse recebendo velhos amigos. (ROWLING apud Fraser, 2003, p. 36)

Durante uma viagem de trem de Manchester para Londres, em Junho de 1990, sem muitas perspectivas profissionais e frustrada com os rumos que sua vida estava tomando, a britânica Joanne Rowling foi subitamente invadida pela imagem de “um trem transportando um menino para um internato de magos” (SMITH, 2003, p. 63), o que prontamente a deixou animada. Esse menino, que posteriormente foi batizado de Harry Potter, não só mudou a vida da agora J.K. Rowling, como também transformou o mundo inteiro com a sua história, criando uma geração de jovens leitores e auxiliando a despertar em adultos o gosto pela fantasia.

Em 1997, após cinco anos trabalhando nas aventuras de seu menino-bruxo desde que ele apareceu em seus pensamentos pela primeira vez, J.K. Rowling publicou o primeiro livro da série literária que se tornou um dos maiores fenômenos editoriais dos últimos tempos. *Harry Potter e a pedra filosofa*² foi rejeitado por “cerca de uma dúzia de editoras” (SMITH, 2003, p. 95) antes de a londrina Bloomsbury aceitar publicá-lo. A partir de então, cerca de um bilhão de exemplares da série foram vendidos,³ em mais de 67 idiomas, transformando sua autora na mulher mais rica da história da literatura, além de a mulher mais rica da Grã-Bretanha.

Para alguns críticos, as cifras astronômicas que rondam *Harry Potter* não refletem a qualidade literária do texto de Rowling. Harold Bloom, por exemplo, um dos mais renomados críticos literários da atualidade, diz que “Harry Potter é bruxaria

¹ Utilizamos a expressão “mito moderno” partindo do fato de que tanto a mídia quanto o imaginário coletivo transformaram a série *Harry Potter* em um fenômeno cultural, mitificando-a, assim como ocorreu com figuras como Michael Jackson e, no Brasil, Ayrton Senna, após a morte de ambos.

² No Brasil, publicado pela Editora Rocco em 2000.

³ De acordo com a revista *Christian Retailing Magazine*, a série *Harry Potter* encontra-se entre os livros mais vendidos da história, com 1 bilhão de exemplares comercializados.

barata reduzida a aventura. É prejudicial ao leitor. Não tem densidade. A escrita é horrível.” (BLOOM, 2003). A crítica de Bloom, no entanto, tem um caráter mais profundo do que simplesmente atacar os livros de Rowling, uma vez que manifesta seu repúdio a toda e qualquer literatura que foge aos clássicos, ao cânone, e que possa abalar o senso estético da arte.

Embora Bloom tenha empenhado um grande esforço em desmerecer o trabalho de Rowling,⁴ houve quem defendesse as suas qualidades, como foi o caso de Isabelle Smadja. Estudiosa francesa, ela dedicou um estudo à série da escritora britânica na obra *Harry Potter: as razões do sucesso*,⁵ em que levanta questões muito pertinentes em relação aos atrativos dos livros de J.K. Rowling.

Analisando não apenas a magia que é pano de fundo para a narrativa, mas atendo-se também a questões psicológicas e de humanidade nas entrelinhas das obras, Smadja refere-se a *Harry Potter* como um conto de fadas moderno e palimpsêstico⁶. De acordo com a pesquisadora francesa, Rowling soube misturar mitologias já existentes, com suas criaturas folclóricas, suas lendas e mitos em um mundo de bruxos que é demasiadamente humano (SMADJA, 2004), tratando de temas da modernidade por meio de um imaginário ao qual o leitor – seja ele infantil, adolescente ou adulto – consegue se enxergar como pertencente.

Não é a intenção deste trabalho analisar o que é má ou boa literatura, e a exposição de duas críticas opostas à série *Harry Potter* tem como objetivo apenas salientar brevemente como os livros atraem estudos das mais diversas áreas. Talvez ainda seja cedo para dizermos que as obras de Rowling entrarão para o cânone literário, afinal se passaram apenas seis anos do lançamento do último livro, mas não há como negar que esse fenômeno vai muito além de apenas um *boom* de marketing ou de uma “bruxaria barata”.

Torna-se necessário levar em consideração, por exemplo, o fato de livros extensos (a princípio escritos para crianças) atraírem milhões de pessoas em todo o mundo, formando uma geração de novos leitores em um período de nossa história

⁴ Em 2001, Harold Bloom lançou a série “Contos e Poemas para Crianças Extremamente Inteligentes de Todas as Idades”, uma antologia de quatro volumes contendo textos de autores clássicos de língua inglesa. À época do lançamento, Bloom afirmou que essa iniciativa era uma resposta à qualidade ruim de *Harry Potter*.

⁵ SMADJA, Isabelle. **Harry Potter – as razões do sucesso**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

⁶ Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, “palimpsesto é um papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado para dar lugar a outro” (HOUAISS, 2009).

em que as demandas do cotidiano muitas vezes nos tomam o tempo de uma boa leitura. Em cada lançamento das obras potterianas, filas imensas eram formadas em torno de grandes livrarias ao redor do globo, compostas por fãs ansiosos por colocarem as mãos no próximo livro de *Harry Potter*. Essa geração, que certamente contribuiu para transformar a criação de Rowling em um mito moderno, autodenomina-se “potterhead”,⁷ ou, em tradução livre: cabeça de Potter.

1.1 O fenômeno “Potterhead”

Muito mais do que uma autointitulação feita por fãs de *Harry Potter*, “potterhead” traduz um fenômeno que se iniciou em 1997, com a publicação de *A pedra filosofal*, e segue até hoje, 16 anos depois, parecendo apenas se intensificar. Esse fenômeno engloba a transformação dos sete volumes da série em oito produções cinematográficas realizadas pela Warner Bros.,⁸ em musicais e peças de teatro, na produção de materiais escolares, roupas, acessórios, álbuns de figurinhas e outros objetos com a temática do bruxo e seu mundo, além da construção, mais recentemente, de parques temáticos que colocam os fãs dentro dos cenários mais famosos da história de *Harry Potter*.

Esse fenômeno originou desde blogs informais, que discutem as obras de Rowling e suas personagens, a estudos de teóricos conceituados em campos como psicologia, psicanálise, sociologia, teologia e, é claro, literatura. Outros livros derivados da série, escritos pela própria Rowling,⁹ também contribuíram para disseminar ainda mais a mística de *Harry Potter*, além de expandir o universo da narrativa.

No entanto, este subcapítulo se detém em um ponto mais específico desse fenômeno, que são os próprios “potterhead”. Esses fãs, cuja idade varia muito, mas

⁷ A alcunha “potterhead” começou a ser disseminada em fóruns criados por fãs para discutirem as obras de Rowling.

⁸ De acordo com o site especializado omelete.uol.com.br, apenas o último filme baseado na série literária *Harry Potter*, *As Relíquias da Morte – Parte II*, obteve a exata cifra de um bilhão, quinhentos e onze milhões e oitocentos mil dólares em todo o mundo. Estima-se que a série seja a maior bilheteria da história do cinema, com mais de sete bilhões de dólares arrecadados ao redor do globo. Disponível em: <http://omelete.uol.com.br/>. Último acesso em 14 de outubro de 2013.

⁹ *Animais fantásticos e onde habitam*, *Quadribol através dos séculos* e *Os contos de Beedle, o Bardo*, todos publicados pela Editora Rocco. Cabe aqui a informação recente de que *Animais fantásticos e onde habitam* será adaptado para o cinema, com o roteiro escrito pela própria Rowling.

normalmente se concentra na fase adolescente, vivenciam *Harry Potter* intensamente em seu dia-a-dia, mantendo viva a chama dos livros, seja por meio de páginas em redes sociais ou por meio de eventos regionais ou internacionais, onde se encontram para conversarem sobre as obras.

Parece-nos, todavia, que a força desses “potterhead” e de sua paixão se consolida efetivamente por meio de um artifício que está intimamente ligado à leitura: a escrita. Mesmo antes da publicação do último volume da série, fãs participavam ativamente do enredo criado por Rowling, escrevendo eles mesmos suas próprias histórias baseadas no mundo de Potter, normalmente escolhendo um mistério não resolvido da trama para solucionarem, ou simplesmente elegendo uma personagem para criarem histórias paralelas a da trama original. A isso, é dado o nome de *fanfiction*, ou simplesmente *fanfic*.¹⁰

O site [fanfiction.net](http://www.fanfiction.net)¹¹ é o maior repositório de *fanfics* da internet, contendo textos em diversos idiomas, distribuídos por categorias, como filmes, séries televisivas e livros. Como era de se esperar, *Harry Potter* encabeça a lista das *fanfictions* sobre livros, tendo mais de quinhentas mil escritas, muito mais que o dobro do segundo colocado, a série *Crepúsculo*. Além do número de escrituras, o que impressiona também é o fato de que muitas delas são extensas, até mesmo divididas em capítulos, e, na espera de um reconhecimento virtual, os jovens autores aparentam se esmerar para produzir textos de qualidade.

Outro ponto importante sobre esses “potterhead” escritores é que a primeira *fanfic* criada no site data de 1999,¹² quando, por exemplo, ainda nem se imaginava a transformação dos livros em filmes. É normal ouvir que o cinema contribuiu muito para criar o mito moderno de *Harry Potter*, o que de fato é verdade, no entanto a sétima arte jamais conseguirá reproduzir o mesmo efeito que os livros produzem.

Harry e suas aventuras passam primeiramente pela magia dos livros, por cada página lida ansiosamente, por cada espera pelo lançamento do próximo volume que os fãs tiveram de suportar, ansiosos por voltarem à Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts mais uma vez. No Brasil, algumas livrarias realizaram

¹⁰ Mais especificamente, *fanfiction*, *fanfic* ou simplesmente *fic* é um texto ficcional literalmente produzido por fãs a partir de alguma obra já existente, seja ela um livro, um filme, um desenho animado ou qualquer criação de ficção.

¹¹ Disponível em: <http://www.fanfiction.net>. Último acesso em 25 de agosto de 2013.

¹² Até a data de acesso, 25 de agosto de 2013, o site registrava a primeira *fanfiction* criada datando de 1999.

lançamentos festivos dos últimos dois volumes da série, *O enigma do príncipe*¹³ e *As relíquias da morte*,¹⁴ em plena madrugada.

As turnês mundiais realizadas por Rowling para promover os livros também são exemplos desse fenômeno. Em entrevista a Lindsey Fraser, a autora disse que em sua segunda turnê para promoção de um livro, na época *O prisioneiro de Azkaban*,¹⁵ levou uma fila de dois quarteirões ao local do evento. Ela afirma que autografou mil e quatrocentos livros naquele dia e que se sentiu uma verdadeira *popstar* (FRASER, 2003).

De fato, J.K. Rowling transformou-se em uma estrela não apenas no mundo editorial e até mesmo cinematográfico, mas também nos corações dos aficionados leitores de *Harry Potter*. A sua narrativa guia, ainda hoje, anos após o final da série, novos “potterhead” por um caminho sem volta rumo à magia do mundo do bruxo mais famoso das últimas décadas. Veremos, a seguir, uma breve síntese do enredo das sete obras que compõem a série literária *Harry Potter*.

1.2 O mundo mágico de Harry Potter

“Os senhores todos sabem, é claro, que Hogwarts foi fundada há mais de mil anos... a data exata é incerta... pelos quatro maiores bruxos e bruxas da época. As quatro casas da escola¹⁶ foram batizadas em homenagem a eles: Godrico Gryffindor, Helga Hufflepuff, Rowena Ravenclaw e Salazar Slytherin. Eles construíram este castelo juntos, longe dos olhares curiosos dos trouxas, porque era uma época em que a magia era temida pelas pessoas comuns, e os bruxos e bruxas sofriam muitas perseguições.” (*Harry Potter e a câmara secreta*¹⁷, p. 131)

O mundo criado por J.K. Rowling passa primeiramente pelos espaços onde as narrativas ocorrem, uma vez que esses lugares – com seu passado e funções dentro da obra – emitem uma convocação às realizações das personagens de *Harry Potter*. A Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts certamente é o melhor exemplo de um

¹³ No Brasil, publicado pela Editora Rocco em 2005.

¹⁴ No Brasil, publicado pela Editora Rocco em 2007.

¹⁵ No Brasil, publicado pela Editora Rocco em 2000.

¹⁶ Em Hogwarts, os alunos são divididos em quatro casas, de acordo com sua personalidade. Eles colocam na cabeça o Chapéu Seletor, que os botará em Grifinória, Sonserina, Corvinal ou Lufa-Lufa, em homenagem aos fundadores da escola (Gryffindor, Slytherin, Ravenclaw e Hufflepuff, em inglês).

¹⁷ No Brasil, publicado pela Editora Rocco em 2000.

ambiente repleto de história, mistérios e lendas que a tornam, por si só, um sinônimo de magia. É lá o lugar em que a maior parte da série se desenvolve, com suas tramas e reviravoltas. É lá que o fenômeno *Harry Potter* começa.

Dirigida pelo grande mago Alvo Dumbledore, Hogwarts é a casa de dois dos bruxos mais famosos de todos os tempos: o antagonista da série, Lord Voldemort, e o próprio Harry Potter. É lá que se dá a educação bruxa desses dois órfãos, em tempos distintos, onde fazem amigos e inimigos e criam um laço irreversível com a magia, seja para o bem ou para o mal. A batalha entre os dois, pano de fundo para o enredo da série, se inicia nesse lugar histórico.

J.K. Rowling diz que não viu em lugar algum um castelo que se assemelhasse ao de Hogwarts que ela imaginou (FRASER, 2003). De fato, muito da magia que encanta em *Harry Potter* provém desse ambiente que foi o primeiro elemento da série a ser totalmente pensado pela autora, e é natural que tanto cuidado na criação desse espaço resulte na admiração dos leitores. Hogwarts, ainda que seja um local fictício, é visto por muitos fãs como uma segunda casa, onde encontram velhos amigos, descobrem passagens secretas, conhecem animais fantásticos e vivem aventuras inesquecíveis.

Hogwarts, contudo, não é o único espaço fascinante nas obras. Rowling foi bem-sucedida ao dar ao mundo dos magos uma estrutura semelhante à nossa, criando um Ministério da Magia, um banco dos bruxos, chamado Gringotes, locais de compra como o Beco Diagonal e até mesmo uma prisão, Azkaban, apenas para citar alguns exemplos. Conforme a leitura dos livros se desenvolve, naturalmente esses lugares vão sendo apresentados, com suas regras, habitantes e histórias próprias, que dão ainda mais profundidade ao pacto ficcional estabelecido entre leitor e obra.

Em *A pedra filosofal*, o primeiro volume da série, temos o primeiro contato com a grande trama que envolve os sete livros: descobrimos no primeiro capítulo que Harry Potter, ainda bebê, sobreviveu ao ataque de um poderoso bruxo das trevas conhecido como Lord Voldemort, que misteriosamente foi derrotado após anos de terror. Harry, então, é deixado com os únicos parentes vivos, seus tios por parte de mãe, uma vez que seus pais morreram durante a tentativa de protegê-lo do ataque do feiticeiro. Assim começa a história de “O menino que sobreviveu”.

Nos próximos capítulos somos apresentados à família trouxa¹⁸ Dursley, composta por Valter, Petúnia e Duda, os tios e o primo de Harry, respectivamente. O garoto, que cresceu sendo rejeitado pelos parentes, é descrito pela primeira vez como tendo

rosto magro, joelhos ossudos, cabelos negros e olhos muito verdes. Usava óculos redondos, remendados com fita adesiva, por causa das muitas vezes que Duda o socara no nariz. A única coisa que Harry gostava em sua aparência era uma cicatriz fininha na testa que tinha a forma de um raio. (ROWLING, 2000a, p. 22)

A partir de então, Harry vai descobrindo que aquela cicatriz é apenas um pedaço de algo muito maior relacionado ao seu passado. Ele descobre, pela visita do gigante Hagrid, que desde o dia em que nasceu tem uma vaga reservada na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, para onde é levado mais tarde em “uma locomotiva vermelha a vapor” (ROWLING, 2000a, p. 84).

Em Hogwarts, tudo existe e acontece. Fantasmas conversam com os alunos pelos corredores, os quadros se mexem e falam com as pessoas, um *poltergeist* assombra o castelo; as escadas se movem conforme sua intenção, as armaduras dão conselhos e tapeçarias escondem passagens secretas. Não só o castelo é único, mas também a floresta da propriedade, que é proibida, e contém toda sorte de criaturas – algumas das trevas.

Em *A pedra filosofal*, por exemplo, conhecemos centauros, trasgos, um unicórnio, um dragão e até mesmo um cão de três cabeças. Rowling mesclou diversas mitologias em um único mundo, onde criaturas, objetos e conceitos coexistem de maneira natural e fluida. Seguindo os passos de Harry e de seus melhores amigos, Rony Weasley e Hermione Granger, vemos um espelho mágico, uma capa de invisibilidade e até mesmo a lendária Pedra Filosofal, objeto de desejo de Lord Voldemort em sua tentativa de voltar ao poder no primeiro livro.

Em *A câmara secreta*, temos contato com um elfo doméstico, gnomos, diabretes e estranhas plantas que gritam. Aranhas gigantes habitam Hogwarts juntamente com um lendário monstro que vive escondido em algum lugar do castelo. O basilisco, uma serpente mortal, é comandado pelo herdeiro de Salazar Slytherin –

¹⁸ “Trouxa”, em inglês *Muggle*, é a expressão usada para denominar aqueles que não possuem o dom da magia. Na tradução, o termo adquiriu uma conotação pejorativa, perdendo sua pura intenção de caracterizar pessoas não mágicas.

Lord Voldemort – na intenção de extirpar da escola os sangue-ruins,¹⁹ mantendo lá apenas os sangue-puros.²⁰ Harry, com a ajuda de uma fênix, impede mais uma vez o retorno do Lord das Trevas.

O mundo mágico de Harry Potter parece não ter limites conforme se pode perceber com o desenvolvimento da leitura. Em *O prisioneiro de Azkaban*, Rowling nos apresenta a outros seres interessantíssimos, como o hipogrifo e o lobisomem, que têm papéis importantes no terceiro livro. Da mesma forma, os dementadores são fundamentais para o desenvolvimento da série. Eles são criaturas com um corpo coberto por uma mortalha, que deslizam pela face da terra sugando a felicidade por onde passam, procurando encontrar alguém a quem aplicar o temível “beijo do dementador”, que suga a alma da vítima. Em uma entrevista, Rowling afirmou que criou a figura do dementador baseando-se na depressão que viveu antes da fama (COLBERT, 2001).

Em *O cálice de fogo*²¹ ocorre um evento único em Hogwarts: o Torneio Tribruxo. O Cálice de Fogo, responsável pela escolha dos competidores do torneio, é um objeto singular e curioso “de madeira toscamente talhado. Teria sido considerado totalmente comum se não estivesse cheio até a borda com chamas branco-azuladas, que davam a impressão de dançar” (ROWLING, 2001, p. 205). Esse torneio, em que três representantes das três maiores escolas de magia da Europa competem entre si pela glória de sua instituição, é a base da trama do livro. Nele, Harry é forçado a competir graças a uma magia das trevas que o coloca como o quarto competidor do Torneio Tribruxo. Ao final do livro, Harry cai em uma armadilha e vê o retorno de Lord Voldemort.

No quinto volume, *A ordem da fênix*,²² a luta contra o mal se intensifica, visto que Lord Voldemort está novamente em ascensão ao poder. A trama gira em torno de uma arma que o Lord das Trevas estaria buscando, e que seria fundamental para seus objetivos. Nos últimos capítulos, é revelado que essa suposta arma é uma profecia, responsável por Voldemort tentar matar Harry Potter quando este era ainda um bebê.

Já no sexto volume, *O enigma do príncipe*, aprofunda-se o conhecimento do leitor sobre o passado do antagonista. Por meio de memórias de diversas pessoas,

¹⁹ Termo pejorativo para se referir aos nascidos trouxas.

²⁰ Bruxos que não possuem ascendência trouxa na família.

²¹ No Brasil, publicado pela Editora Rocco em 2001.

²² No Brasil, publicado pela Editora Rocco em 2003.

Harry e Dumbledore se inteiram de informações preciosas que indicam uma maneira de derrotar o inimigo de maneira definitiva. Voldemort, como se vem a descobrir, encontrou meios para atingir a imortalidade.

As relíquias da morte, sétimo e último livro da série, narra a busca de Harry por romper a imortalidade de Voldemort e finalmente derrotá-lo. Durante essa missão quase suicida, ele enfrenta a dor de perder amigos próximos na batalha contras as forças das trevas, ao mesmo tempo em que necessita enfrentar a morte para vencer seu inimigo. Voldemort, após décadas de terror, é derrotado, fato que traz, às comunidades bruxa e trouxa, paz e segurança.

A proliferação de bestas mitológicas e folclores antigos a cada volume da série revela o minucioso trabalho de pesquisa realizado pela autora, que não fugiu das origens das crenças humanas e sim as fundiu com a nossa realidade. Objetos como varinhas, espadas, cálices e vassouras não estão lá por acaso. Rowling pode não ter criado uma mitologia, mas uniu várias em uma só realidade ficcional, fazendo-as funcionar perfeitamente.

Essa volta às origens realizada por Rowling traz questões muito prementes ao ser humano em todas as épocas de sua existência, tais como a busca por identidade (Harry), o medo da morte (Voldemort) e o desdobramento do Eu em outro ou outros. Vemos isso no Espelho de Ojesed,²³ em *A pedra filosofal*; na poção polissuco,²⁴ em *A câmara secreta*, e na figura dos animagos,²⁵ apresentados em *O prisioneiro da Azkaban*, apenas para citar alguns exemplos.

A breve exposição acima do enredo dos sete livros da série deteve-se propositalmente nas figuras de Harry e Voldemort, por dois motivos: primeiramente, não haveria um sem o outro, o que em si lhes confere um caráter de duplicidade tão misterioso quanto a própria magia. Sob um segundo aspecto, Lord Voldemort é o foco desta pesquisa, como um indivíduo Duplo, com personalidade e identidade dúbias, com uma alma dividida em oito partes. A alma, para povos primitivos, tem

²³ Esse espelho possui entalhadas no alto da moldura as seguintes palavras: Oãça rocu esme ojesed osamo tso rueso ortso moãn. É um anagrama, que na verdade quer dizer: Não mostro o seu rosto, mas o desejo em seu coração. Em *A pedra filosofal*, Harry vê a sua família refletida atrás de si quando encontra o espelho. Sendo órfão, o desejo de seu coração revela-se em ver os familiares que não tivera a oportunidade de conhecer. Da mesma forma, ao final do livro, Harry obtém a Pedra filosofal de dentro do Espelho, auxiliado por uma magia de Dumbledore.

²⁴ Poção capaz de transformar um indivíduo fisicamente em outro.

²⁵ Bruxos capazes de assumir a forma física de um animal.

um caráter intrínseco de duplicidade, uma vez que representa em muitas crenças a parte imortal do ser humano, opondo-se ao corpo mortal (RANK, 1939).

No próximo capítulo veremos como esse duplo se apresenta na literatura, trazendo o foco para o estudo realizado pelo psicanalista austríaco Otto Rank, em 1914, em *O duplo (Der doppelgänger)*. Posteriormente, atualizaremos os estudos de Rank seguindo outros dois teóricos: Juan Bargalló e Yves Pélicier, que classificam o desdobramento do Eu em tipologias de acordo com sua estrutura e modo de representação.

2 O DUPLO NA LITERATURA

Cada um de nós é uma lua e tem um lado escuro que não mostra a ninguém.

Mark Twain

A dualidade do ser humano vem sendo estudada pelos mais diversos campos científicos desde os princípios do pensamento analítico, seja com a filosofia, a psicologia, a antropologia e, também, representada na literatura. A duplicidade do Eu, por meio da figura do Duplo, associa-se a processos de mimese literária para revelar os anseios mais primitivos do homem: a busca pela identidade, a angústia por se conhecer e o medo da morte são alguns dos questionamentos que mais assombram a mente humana desde os primórdios da nossa espécie.

Não é por acaso que o tema do Eu e do outro, da identidade e da alteridade, do desdobramento do Eu, expressões sinônimas do Duplo, seja tão recorrente na literatura universal ao longo de sua história. Uma vez que a arte, entre outras funções, é utilizada pelo homem para que ele se afirme enquanto ser pensante neste mundo, expressando suas opiniões, ideias e sentimentos, é natural que diversas obras literárias tenham abordado esse assunto intensamente nos últimos séculos.

Particularmente no século XIX, houve uma grande produção de textos com a temática do Duplo, o que tornou esse período uma época clássica do tema na literatura. Autores como Adalberto Von Chamisso, Nicolai Gogol, Edgar Allan Poe, Oscar Wilde e Franz Kafka são exemplos de escritores que escreveram sobre esse tema, marcando a história da literatura com textos ainda hoje consagrados.

O advento do cinema no século XX deu mais força de representação ao assunto, entrando em consonância com a literatura. Obras literárias passaram a ser adaptadas para o formato cinematográfico, o que dava mais concretude à temática da dupla personalidade. O processo cinematográfico concede ao tema “uma qualidade real inacreditável, e não o priva absolutamente de seu caráter místico” (RANK, 1939, p. 8).

Inspirado justamente por uma adaptação cinematográfica de uma obra literária, Otto Rank publicou, em 1914,²⁶ um estudo em que refletiu sobre a temática da dupla personalidade na literatura. Em *O duplo*, Rank se aprofundou em questões específicas desse assunto, analisando obras renomadas do século XIX e comparando seus conteúdos às biografias de seus respectivos autores. Ainda nesse mesmo trabalho, ele discutiu crenças e folclores antigos que muitos escritores visitaram para suas criações sobre o tema, refletindo sobre elementos como sombra, espelho e alma, sendo este último fundamental para o presente trabalho.

2.1 Alma, vida e morte: o Duplo de Otto Rank

Rank inicia seus estudos afirmando que a ideia da dupla personalidade não é nova na literatura enquanto assunto principal de obras renomadas, mas que a popularidade do tema tem sido periódica (RANK, 1939). A temática do Duplo, ainda de acordo com o teórico, teria sua base em folclores de povos antigos da humanidade, que cultuavam crenças que traziam a alma – um dos maiores símbolos relativos ao tema – como a principal razão para diversas ocorrências misteriosas de seu cotidiano, tais como a existência da sombra ou da figura dos gêmeos (RANK, 1939).

A questão da dupla personalidade tem origem, portanto, na mais remota antiguidade (RANK, 1939), e, a partir de uma extensa e rica mitologia sobre o tema, a literatura acerca do Duplo foi se formando. Rank, no entanto, partiu primeiramente de uma peça fílmica para refletir sobre os desdobramentos do Eu: *O estudante de Praga*, de Hans Heinz Ewers, que, por sua vez, é baseado no conto de E.T.A. Hoffmann, *História da imagem perdida*.²⁷

A partir de uma exposição das cenas do filme de Ewers, Otto Rank começa a elaborar algumas conclusões pertinentes ao problema da dupla personalidade. Segundo o teórico, esse assunto

²⁶ RANK, Otto. **O duplo**. Rio de Janeiro: Cooperativa, 1939.

²⁷ HOFFMANN, E.T.A. **História da imagem perdida**. *Contingentia*. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 1-10, maio. 2011.

encontrou em alguns poetas inspirados a fiel expressão de seu incompreensível significado primitivo, que, analisado, nada mais é do que o problema da morte que ameaça constantemente a Personalidade. (RANK, 1939, p. 16)

Nesse ponto, surge a primeira abordagem sugerida por Rank no que diz respeito à motivação para a o aparecimento de um Duplo: a necessidade de se duplicar para imortalizar a alma e, portanto, escapar à morte. O homem, conforme a evolução de seu pensamento, começou a se questionar sobre a sua natureza mortal, foi elaborando perguntas e alimentando receios acerca do desconhecido, representado pela morte. Essa angústia, naturalmente, deu origem ao medo de morrer e a um desejo de tornar-se imortal.

Rank, no decorrer de *O duplo*, debruçou-se sobre algumas obras literárias em seu processo de análise da manifestação do Duplo na literatura, em que a alma surge como ponto central – ainda que não fosse nomeada dessa maneira. A primeira delas é justamente aquela que deu origem ao filme de Ewers, o conto de Hoffmann mencionado acima. Na narrativa *História da imagem perdida*, o honesto cidadão alemão Erasmo Spiker, pai de família, é seduzido pela malévola Julieta durante uma viagem a Florença, de onde foge após matar seu rival. Convencido pela mulher, ele entrega sua imagem a ela, enquanto os dois se prostram diante de um espelho. A partir da perda de seu reflexo, Spiker sofre toda sorte de revezes.

Rank afirma que “Hoffmann, neste conto fantástico, tentou escrever um complemento à extraordinária história de Chamisso” (RANK, 1939, p. 21). Adalberto von Chamisso foi um dos primeiros autores a escrever sobre o Duplo, com a narrativa *A história maravilhosa de Peter Schlemihl*.²⁸ Nessa narrativa, entretanto, o protagonista não perde o reflexo, mas sim a sombra.

É pertinente dizer, no entanto, que os estudos de Otto Rank não viram a problemática da dupla personalidade apenas pelo viés da perda da imagem ou da sombra. Esse Duplo, esse outro Eu, é trabalhado também por Stevenson, em sua célebre obra *O médico e o monstro – Dr. Jekyll e Mr. Hyde*.²⁹ Nessa narrativa, é

²⁸ CHAMISSO, Adalberto von. **A história maravilhosa de Peter Schlemihl**. São Paulo: Liberdade, 1989.

²⁹ STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro – Dr. Jekyll e Mr. Hyde**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

possível visualizar claramente a transformação de um *ego* em um *alter ego*, sendo o Duplo, nesse caso, uma transfiguração não apenas mental, mas também física.

A narrativa de Stevenson tem como enredo o embate psicológico entre o respeitável doutor Jekyll e o monstruoso e inescrupuloso Mr. Hide. Os dois são duas personalidades distintas em um mesmo corpo físico, que igualmente se torna distinto de acordo com a personalidade que o está dominando. Jekyll, ao criar uma fórmula química que pudesse controlar seus piores instintos, deu vazão à criatura que personificava todo seu inconsciente bestial, levando-o à completa perdição.

Com o exemplo da obra de Stevenson, chegamos à segunda motivação sugerida por Rank em seus estudos: o Duplo enquanto manifestação da angústia e do mal inerentes ao ser humano. A questão identitária acompanha o homem desde o primeiro instante em que ele é capaz de refletir sobre quem é. A dualidade do ser humano constitui, então, assim como a imortalização da alma, uma explicação para a duplicidade do Eu.

Até o presente momento, vimos que Rank sugeriu duas abordagens diferentes para a criação de um Duplo, da mesma forma que estabeleceu alguns símbolos relativos ao tema (o reflexo e a sombra). Na obra *O retrato de Dorian Gray*,³⁰ de Oscar Wilde, aparece, no entanto, outro elemento que se torna característico dessa temática: o retrato. Na narrativa, o belíssimo jovem que dá nome ao romance anseia ardentemente por viver para sempre, mantendo sua juventude e beleza, após visualizar seu rosto pintado em um retrato. Dorian, em seu íntimo, deseja que essa pintura receba todo peso do passar dos anos e toda a corrupção do seu caráter, da sua personalidade, da sua alma.

O desejo de Dorian é atendido e, a partir desse pacto fantástico, o protagonista da obra – e antagonista de si mesmo – realiza feitos vis, que corrompem cada vez mais o seu espírito, tornando-o tanto para os demais como para si mesmo um sujeito desprezível. Dorian envolve-se com bebida e ópio, mata o pintor de seu retrato e é responsável pelo suicídio de uma bela atriz que era apaixonada por ele. Entre cada uma dessas atitudes, o rapaz visita seu retrato e percebe como seu Duplo vai se deteriorando. Perturbado com o peso de seus atos e assombrado pela imagem no objeto, Dorian o apunhala, contudo cai morto, a faca cravada no peito, sua aparência transformando-se no monstro que ele se tornou ao

³⁰ WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

longo dos anos. A pintura, por sua vez, volta a expor sua beleza original, opondo-se ao espírito de Gray.

Elencamos alguns exemplos literários mencionados por Rank em seus estudos justamente para chegarmos às principais causas do surgimento de um Duplo, como também para compreendermos qual a relação entre a ideia de alma e a duplicidade do Eu. Otto Rank, após traçar uma trajetória da temática na literatura e relacionar as obras produzidas às biografias de seus respectivos autores,³¹ direciona o foco de suas análises para os mitos referentes à alma e a seus símbolos, tais como a sombra, o retrato, o reflexo e a figura dos gêmeos.

Rank inicia falando da sombra e afirma que “todos os folcloristas unanimemente assinalam que os povos primitivos consideram a sombra como um equivalente da alma humana” (RANK, 1939, p. 93). O teórico retoma alguns exemplos folclóricos ao trazer a crença de que se o indivíduo tiver uma sombra pequena, adoecerá, ou se não tiver sombra, morrerá; em contrapartida, quem tiver uma sombra forte, ativa, terá boa saúde (RANK, 1939).

Ainda dissertando sobre a sombra, Otto Rank utiliza-se da linguagem de determinados povos para fortalecer a ideia de que a sombra, para eles, é a representação da alma. Para certos grupos, os mesmos vocábulos utilizados para “alma” ou “espírito” são utilizados para “sombra”. Segundo Rank, “foi através da sombra e do reflexo que o homem viu pela primeira vez a sua forma” (RANK, 1939, p. 96). Dessa maneira, a alma passou a ser representada pela sombra, originando a crença na alma, que foi sustentada por diversos povos da cultura antiga (RANK, 1939).

A reflexão sobre a sombra é importante para relacionarmos a existência de um Duplo à ideia de alma. Rank afirma que “a crença primitiva na alma (...) nasce do medo da morte” (RANK, 1939, p. 100). Contudo, se a alma está ligada à morte, necessariamente ela precisa também estar ligada à vida, o que dá a ela o caráter dual que conhecemos hoje. Essa dualidade possibilita a reflexão de que a ideia de alma seria oriunda do desejo de vencer a morte (RANK, 1939). A partir disso, a essência humana foi dividida em duas, uma mortal e uma imortal.

Passando da sombra para o reflexo, outro elemento símbolo do Duplo, o teórico relaciona a imagem refletida, seja em um espelho, na água ou em um retrato,

³¹ Não é do interesse do presente trabalho analisar a personalidade dos autores que escreveram sobre o Duplo, portanto não falaremos desse aspecto dos estudos de Rank.

ao narcisismo. Contudo, para ele, “as superstições e costumes referentes ao reflexo se fundamentam nas mesmas bases dos que se referem à sombra, isto é, o temor da morte e da desgraça” (RANK, 1939, p. 115).

Vemos, portanto, que a crença na alma vai sempre se relacionar à dualidade *vida e morte*. Rank cita alguns credos primitivos relativos ao poder dos espelhos, de como esses objetos pressagiarão a aproximação da morte ou como eles seriam capazes de manter o espírito humano atrelado a este mundo mesmo depois que o corpo morresse.

O que é interessante – e aí se relaciona claramente o narcisismo à dupla personalidade – é que o mundo, de acordo com algumas tradições mitológicas, seria uma “criação da admiração pessoal de um deus através de um espelho” (RANK, 1939, p. 124). Isso pode explicar também o medo da morte e a crença na alma, visto que, ainda de acordo com o teórico, “a ideia da Dupla Personalidade (...) se originou completamente do amor à Personalidade” (RANK, 1939, p. 124). Em outras palavras, o indivíduo está tão atrelado à vida, ao corpo e ao mundo, ele ama tanto a si mesmo que concebe um Duplo que o mantenha eternamente vivo e jovem.

Esse *doppelgänger* (Duplo, em alemão) criado para fugir da velhice e da morte, para atingir a imortalidade, prova-se, contudo, como um artifício terrível. Parte-se da ideia de que, quando se desdobra em outro Eu, o indivíduo cria nada mais nada menos que um rival, uma personalidade que passa a adquirir características próprias, em alguns casos poderes e vontades opostas a sua contraparte. Essa oposição – porque o Duplo, mesmo enquanto complemento é um oposto – tende a ser destrutiva para ambas as partes.

O rival do qual falamos é visto por Otto Rank em outra crença primitiva referente à alma, agora situada na figura dos gêmeos. Rank entende o culto aos gêmeos como uma comprovação da crença em uma alma dupla (mortal e imortal), e que essa crença concretiza a temática do Duplo (RANK, 1939).

Ao levantar novamente algumas tradições primitivas, o teórico percebe que é muito comum haver assassinato de um dos gêmeos por um dos irmãos, e que o assassino se tornaria independente do sangue familiar a partir desse homicídio. Pode-se chegar, assim, à ideia de que um gêmeo não poderá viver enquanto o outro estiver vivo. Rank exemplifica esse embate entre os irmãos ao relacionar a figura dos gêmeos à fundação de uma cidade, como teria ocorrido, segundo a mitologia

romana, com Rômulo e Remo. O primeiro irmão teria matado o segundo, fundando, posteriormente, a cidade de Roma.

A questão da impossibilidade de os dois irmãos viverem juntos baseia-se na crença da alma dupla, ou seja: quando os gêmeos nascem, um representa a vida e o outro a morte; um deles seria o “corpo”, e o outro a “alma” de um mesmo ser. Isso explicaria, por exemplo, a crença de que os irmãos gêmeos sempre sabem o que o outro está pensando ou sentindo, ou ainda a atribuição antiga de poderes sobrenaturais e proféticos a esses irmãos.

Otto Rank conclui que a figura dos gêmeos “conduz, afinal, ao eterno desejo de tornar imortal a Personalidade” (RANK, 1939, p. 151). Compreende-se que desde os primórdios do pensamento humano o homem busca negar sua condição mortal, porém, ao aceitá-la, ele procura atingir a imortalidade, distorcendo a natureza ao fugir da morte. A criação de um Duplo, de um ser semelhante, seja por um retrato, por um reflexo ou pela sombra, justifica, portanto, a perturbação tanto da alma humana quanto do meio que a cerca.

2.2 Tipos de Duplo e suas características

Os estudos acerca do Duplo na literatura não terminaram em Otto Rank. Uma vez que essa temática pode ser considerada atemporal no meio literário, posteriormente outros teóricos se debruçaram sobre ela, certamente apoiados pelo trabalho pioneiro e basilar de Rank, procurando atualizar suas reflexões sobre o tema.

Destacaremos a seguir os trabalhos do espanhol Juan Bargalló e do francês Yves Pélicier, que se propuseram a estabelecer uma tipologia para o tema do Duplo, de acordo com a forma e o modo como ele é representado em algumas obras literárias clássicas sobre o tema.

Juan Bargalló partiu do estudo de Lubomir Dolezel em *Le triangle du Double. Um champ thématique* para pensar acerca do modo de construção das representações do Duplo na literatura. Em seu trabalho *Hacia una tipología del*

doble: *el doble por fusión, por fisión e por metamorfosis*,³² ele situa as primeiras manifestações literárias do tema no mito de Anfitrião, na figura dos gêmeos idênticos e na figura de Orlando, colocando essas três ocorrências dentro da tipologia denominada como “engano”.

O mito grego de Anfitrião trata de um episódio no qual Zeus teria tomado a forma física do guerreiro Anfitrião, que estava lutando na guerra de Tebas, para deitar-se com sua mulher, Alcmena. Enquanto se relacionava com a mortal, seu filho Hermes se transformou no escravo Sósia, para montar guarda no portão. Anfitrião, retornando da guerra, descobre a mulher grávida e duvida de sua fidelidade. Zeus, no entanto, explica a situação e tudo termina bem, com o nascimento do semideus Hércules.

Os gêmeos idênticos, como visto em Otto Rank, trazem a concretização do Duplo; eles são a representação da mortalidade e da imortalidade, um ser dividido em dois. Enquanto no mito de Anfitrião o “engano” era provocado pelo deus Zeus, aqui um dos irmãos ocupará esse posto. Segundo Bargalló, por mais que os gêmeos idênticos tenham igual aparência, é preciso prestar atenção às suas diferenças, compreendendo as suas noções opostas de identidade e complementaridade (BARGALLÓ, 1994).

A terceira ocorrência referente ao “engano” é a reencarnação, o que, de acordo com Bargalló, “Lubomir Dolezel denomina con el nombre moderno de Orlando” (BARGALLÓ, 1994, p. 14). Essa expressão advém da obra de Virgínia Woolf de mesmo nome, na qual a personagem que dá o título ao romance vai observando seu corpo de homem transformar-se no corpo de uma mulher. A isso chama-se de *transgressão*, quando ocorre um duplo em um mesmo indivíduo, mas em dois mundos ficcionais distintos.

Bargalló parte do conceito de *desdobramento* – que seria o Duplo propriamente dito –, produzido quando há duas encarnações de um só sujeito coexistindo em um mesmo mundo ficcional, para estabelecer um quarto tipo de Duplo. O *desdobramento* difere tanto do “engano” apresentado no mito de Anfitrião e na figura dos gêmeos, uma vez que há dois sujeitos distintos em um mesmo mundo, quanto do apresentado em *Orlando*, uma vez que nele são duas encarnações em dois mundos diferentes.

³² BARGALLÓ, Juan. (Org.) **Identidad y alteridad: aproximación al tema del doble**. Sevilla: Alfar, 1994.

De acordo com o teórico espanhol, o desdobramento do Eu em um outro, essa criação de um *alter ego*, nada mais é do que uma metáfora para uma relação de oposição, ao mesmo tempo que complementar, pois expõe o reconhecimento da carência do ser que busca ser preenchido em seu vazio existencial ou deseja a sobrevivência perante a ameaça da morte (BARGALLÓ, 1994).

Tanto a busca por um complemento quanto uma fuga da morte costuma gerar, para Bargalló, um enfrentamento entre as duas encarnações desse *desdobramento*. Mesmo que elas sejam de extrema semelhança física, como na obra *O duplo*,³³ de Dostoievski, ou muito diferentes, como em *O médico e o monstro – Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, o embate entre as duas existências será inevitável (BARGALLÓ, 1994).

Dentro do *desdobramento* Bargalló cria três subdivisões – ou procedimentos – em respeito ao modo de construção:

- a) por **fusão**, quando duas projeções se fundem em um único indivíduo (*William Wilson*, de Edgar Allan Poe; *O Horla*, de Guy de Maupassant);
- b) por **fissão**, quando a divisão de um indivíduo origina duas personificações (*A sombra*, de Andersen; *O nariz*, de Nicolai Gogol);
- c) por **metamorfose**, quando um indivíduo origina uma forma e uma entidade humanas (*O médico e o monstro – Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, de Stevenson) ou uma forma humana e uma entidade não humana (*O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde).

É pertinente observar que Bargalló não enquadra *A metamorfose*,³⁴ de Kafka, na tipologia de mesmo nome. Segundo o teórico, isso ocorre porque para termos o *desdobramento* da forma original é preciso que a forma originária seja revestida de forma humana, mesmo que manifestada em uma entidade não humana. Isso ocorre em *O retrato de Dorian Gray*, por exemplo, em que o quadro, apesar de não humano, representa uma forma humana. A barata de *A metamorfose*, portanto, não se enquadraria nesse tipo (BARGALLÓ, 1994).

O francês Yves Pélicier deu também uma valiosa contribuição para os estudos sobre o Duplo. Conforme “Relatório do Projeto Narrativas do Duplo:

³³ DOSTOIEVSKI, Fiodor. **O duplo**. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: J. Aguillar, 1963.

³⁴ KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

desdobramentos do Eu na ficção contemporânea (1980-2010)” (2012, p. 10-11), em *La problématique du double* ele afirma que para estudar os fenômenos referentes ao tema é preciso tentar colocar um pouco de ordem na semiologia literária e clínica, a fim de que se possa compreender melhor tudo que envolve o Duplo.

Ainda de acordo com o Pélicier, em torno de toda a temática do Duplo e de todos os símbolos e significações que ela possui, gravita não só a problemática da identidade pessoal e das relações que temos com nossas imagens parentais, mas também com nossos ideais, nossos mistérios obscuros e todos os desejos e crenças inerentes ao ser humano.

A tipologia proposta pelo teórico francês está relacionada ao aspecto da *filiação*. Com essa tipologia, Pélicier buscou responder à “fascinante questão” de como o Duplo é criado a partir do original. Ao todo, são seis tipos de Duplo, a saber:

- a) **duplo natural**, a réplica autêntica, no fenômeno do gêmeo homozigoto, que aparece na origem legendária de diferentes culturas;
- b) **duplo físico**, quando a óptica entra em jogo; é o caso da sombra, do espelho, das alucinações e do onírico, em que o Duplo surge como imagem. Aqui também cabe o fenômeno aparentado do eco;
- c) **fabricação de um simulacro**, podendo incluir o retrato (*O retrato de Dorian Gray*), uma silhueta ou uma estatueta (encantamento) e a máscara (possessão);
- d) **fabricação de um ser** à semelhança do ato divino da criação (*Frankenstein*);
- e) **transgressão**, (maior complexidade) uma obsessão; é o Duplo que modifica o original (*O Horla*), podendo haver migrações de alma e de pensamentos e, também, ocorrer substituição, empréstimo, transferência;
- f) **transformação**, caso em que o original é transformado, surgindo para si mesmo e para os outros profundamente modificado (*O médico e o monstro – Dr. Jekyll e Mr. Hyde*); a transformação pode ser uma metamorfose inexplicável, um mistério (*A metamorfose*).³⁵

A partir do que foi exposto no presente capítulo pudemos estabelecer relações entre a ideia de alma, enquanto contraparte imortal do corpo humano, e o

³⁵ Ao contrário de Bargalló, Pélicier inclui *A metamorfose*, de Kafka, em sua tipologia, embora veja esse exemplo como uma “metamorfose inexplicável”.

surgimento do Duplo, uma vez que ele seria criado justamente para imortalizar a vida. Igualmente, foi possível analisarmos como esse mesmo Duplo pode se originar de todo o mal e de toda a angústia que o ser humano carrega dentro de si. Dessa forma, Otto Rank, em *O duplo*, nos fornece dois pontos de partida para que possamos compreender as motivações para os desdobramentos do Eu.

Verificamos, ainda, que outros dois teóricos buscaram atualizar as reflexões sobre o tema, a partir dos estudos iniciados por Rank. Tanto Juan Bargalló quanto Yves Pélicier tiveram sua maior contribuição no campo das tipologias de Duplo, ou seja: eles classificaram as manifestações do Duplo na literatura de acordo com suas características e modos de construção.

A presente pesquisa desenvolve-se a partir de um objeto de estudo que tem grande relação com a duplicidade do Eu, com essa busca por identidade – ou fuga dela – com esse medo incontrolável da morte e, em consequência, com o desejo de obter imortalidade. Falamos da principal personagem antagonista da série literária *Harry Potter*, que já em seu nome apresenta o primeiro sinal do Duplo: Tom Riddle, que renega o nome de batismo em troca da temível alcunha Lord Voldemort.

No capítulo a seguir, elaboraremos uma trajetória da vida de Lord Voldemort no âmbito da série, enfatizando sua relação com seu passado, com a preocupação em evitar a morte e o modo como ele atravessa todos os limites da natureza para obter a imortalidade, mesmo que isso signifique corromper sua alma a tal ponto que ela se divida em exatas oito partes.

3 TOM SERVOLO RIDDLE: EIS LORD VOLDEMORT

“Tem quem diga que ele morreu. Besteira, na minha opinião. Não sei se ainda tinha humanidade suficiente para morrer. (...) A maioria de nós acha que ele ainda está por aí, mas perdeu os poderes. Está fraco demais para continuar. Porque alguma coisa em você acabou com ele, Harry. Aconteceu alguma coisa, naquela noite, com que ele não estava contando, *eu* não sei o que foi, ninguém sabe, mas alguma coisa em você o aleijou, pra valer.”

(Harry Potter e a pedra filosofal, p. 54)

Inúmeras obras de ficção apresentam um antagonista que acaba dando ainda mais força e brilho à existência do protagonista, e vice versa. Essas duas figuras, que costumam representar o embate entre as forças do bem e do mal, centram em si mesmas muitas virtudes que admiramos em um herói – como força de espírito, caráter, coragem e amizade – e muitos defeitos que repugnamos em um vilão – como intemperança, preconceito, inveja e corrupção de caráter. Considerando a série literária *Harry Potter*, percebemos que sua criadora, a britânica J.K. Rowling, soube dar às duas figuras centrais de sua narrativa não só a inerente oposição de poderes – luz e trevas – mas efetivamente as tornou seres duplos. “... E um dos dois deverá morrer pelas mãos do outro, pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver” (ROWLING, 2003, p. 679).

A citação acima dá o tom do presente capítulo, que irá abordar a trajetória de vida da personagem Lord Voldemort no âmbito dos sete livros que compõem a série. Obrigatoriamente falaremos também do protagonista, Harry Potter, uma vez que, como veremos, as almas dos dois estão conectadas. Pretendemos, com essa abordagem, verificar as transformações físicas e psicológicas pelas quais Tom Riddle, nome de batismo de Lord Voldemort, passou até chegar ao posto de “Lord das Trevas”, tentando compreender as motivações do Duplo presente no principal antagonista da série literária de J.K. Rowling.

3.1 O órfão Tom Servolo Riddle

A personagem Lord Voldemort representa na série, assim como o próprio protagonista, um limiar entre dois universos. Uma vez que o antagonista de Harry Potter é considerado, essencialmente, um mestiço, já que é filho de uma relação entre uma bruxa e um trouxa, podemos perceber que ele transita ora pelo mundo mágico, ora pelo mundo não mágico, em um conflito identitário que é possivelmente o início da sua duplicidade. Sendo assim, torna-se pertinente fazermos uma breve exposição da ascendência familiar da personagem.

Mérope Gaunt, mãe de Voldemort, era descendente de uma longa linhagem de bruxos puro-sangue, alguns deles famosos por feitos históricos, como, por exemplo, Salazar Slytherin, um dos fundadores de Hogwarts. Tradicionalmente, a família da bruxa dava muito valor aos antepassados e à importância que seu sobrenome carregava, ainda que vivesse na miséria e sem nenhuma glória. Tom Riddle, o pai, por sua vez, era um trouxa rico, cujos pais, assim como ele, eram esnobes e valorizavam exageradamente sua posição de nobreza e riqueza.

Não é possível dizermos que houve, de fato, um relacionamento entre Mérope e Tom. Ela era apaixonada por ele, contudo sabia que seus sentimentos jamais seriam correspondidos. Dessa forma, a bruxa se aproveitou de seus poderes e preparou uma poção do amor, conseguindo fazer com que o rapaz a bebesse. A indiferença de Tom Riddle em relação a ela foi transformada em uma paixão obsessiva, o que o faz fugir com Mérope. Durante essa fuga, a bruxa engravida e resolve parar de dar a poção ao seu amado, supondo que, a essa altura, ele fosse capaz de amá-la. Mérope, então, é abandonada, vendo-se sozinha e sem dinheiro para sobreviver.

Sem nenhum amparo e esperando um filho, Mérope não encontra mais forças para realizar qualquer tipo de magia, renegando seus poderes, o que a faz passar fome e enfraquecer fisicamente. A cada dia mais pobre, ela vende a única posse que tem, o antigo medalhão de Salazar Slytherin, à loja Borgin & Burkes, por uma barganha de apenas 10 galeões.³⁶ Desesperada, ela pede ajuda a um orfanato, onde dá à luz seu filho. Suas prováveis últimas palavras são o desejo de que o

³⁶ No mundo bruxo, o dinheiro é dividido em galeões de ouro, sicles de prata e nuques de bronze.

menino se pareça com seu pai e que tenha o nome dele, Tom, além de Servolo, em homenagem ao seu avô, e Riddle. Assim nasceu Tom Servolo Riddle, que futuramente se tornaria Lord Voldemort.

A infância de Tom Servolo Riddle, ou simplesmente Tom Riddle, foi marcada pela autodescoberta e pelo início das manifestações de sua personalidade egocêntrica, narcisista e dominadora. Em seus primeiros anos de vida ele já demonstrava sinais do monstro que viria a se tornar posteriormente, sendo visto como um menino engraçado e esquisito, uma vez que quase nunca chorava quando bebê.

O garoto inspirava medo nas outras crianças do orfanato no qual ele cresceu. Tom intimidava os demais, e incidentes estranhos e desagradáveis aconteciam, como o enforcamento de um coelho de um colega de Riddle após uma discussão entre os dois, além da ida de Tom e de duas outras crianças a uma caverna, onde algo ruim teria acontecido.

Essas informações preliminares sobre o adolescente Tom Riddle já demonstram como havia uma aura de estranheza em torno dele com apenas 11 anos de idade. O que descobrimos desse período da vida de Lord Voldemort advém de uma visita que Alvo Dumbledore e Harry Potter fazem, em *O enigma do príncipe*, a uma lembrança do próprio Dumbledore, por meio da penseira.³⁷

A partir de uma passagem do sexto volume da série, é possível obtermos algumas características físicas de Voldemort em sua adolescência. O menino é descrito como “uma miniatura do pai bonitão, alto para os seus onze anos, pálido e de cabelos escuros” (ROWLING, 2005, p. 211). Não há nele nenhum traço da família Gaunt, realizando o último pedido de Mérope, de que ele fosse parecido com o pai.

Em outro trecho da mesma obra, é mostrado o encontro entre Dumbledore e Tom Riddle. Em um primeiro momento, o garoto acredita que o professor é um “doutor”, um médico que o examinará para levá-lo a um hospício. Nesse momento, Riddle mostra mais uma das suas características, que futuramente seria uma de suas marcas: comandar os outros. Irritado ante a possibilidade de ser examinado, ele fala para Dumbledore dizer a verdade,

³⁷ A penseira é um objeto de grande relevância na série, provavelmente inventada por Dumbledore, no qual é possível depositar os pensamentos e lembranças, seja a fim de aliviar o peso na mente ou reviver o passado. Por meio dessa magnífica invenção, o leitor descobre muito sobre a história de Lord Voldemort.

com uma força tão altissonante que era quase assustadora. Era uma ordem, e, pelo jeito, ele já a dera muitas vezes antes. Seus olhos tinham se esbugalhado e fixavam, sérios, Dumbledore, cuja única reação foi continuar sorrindo agradavelmente. (ROWLING, 2005, p. 212)

Dumbledore diz a Tom que é professor em uma escola de magia, no que Riddle pergunta se é magia o que ele sabe fazer. Dumbledore questiona-o sobre suas supostas habilidades e o garoto confirma seu gênio perturbador e seu pendor ao mal ao dizer saber fazer

muita coisa – sussurrou. Um rubor de excitação subiu do seu pescoço para as faces encovadas; parecia febril. – Sei fazer as coisas se mexerem sem tocar nelas. Sei fazer os bichos me obedecerem sem treinamento. Sei fazer coisas ruins acontecerem a quem me aborrece. Sei fazer as pessoas sentirem dor, se quiser. (ROWLING, 2005, p. 213)

Tom Riddle parece muito satisfeito consigo mesmo por suas habilidades, por tudo que é capaz de executar. Ele descobre, então, ser um bruxo, e nesse instante “seu rosto se transfigurou: havia nele uma felicidade irreprimível, mas por alguma razão isso não o tornava mais bonito; pelo contrário, suas feições finas pareciam mais brutas, sua expressão quase bestial” (ROWLING, 2005, p. 213).

Ao acompanharmos a visita de Dumbledore a Riddle, descobrimos que ele roubou objetos pessoais de colegas do orfanato, ainda que fossem, a princípio, insignificantes. Outro traço da personalidade de Tom começa a ser exposto, que é colecionar troféus, ou, uma “mania de apropriação”, nas palavras de Dumbledore a Harry, de “souvenires de momentos de magia particularmente desagradáveis” (ROWLING, 2005, p. 218). Tom ainda alimenta desejos de autossuficiência ao recusar ajuda do professor para comprar seus materiais escolares ou ir para a plataforma de trem onde embarcaria para Hogwarts. Essas características apenas se acentuariam posteriormente na idade adulta.

O encontro entre o professor e o futuro aluno termina com a revelação de Tom Riddle de que ele sabe falar com as cobras. Na época, Dumbledore desconhecia a ascendência do garoto, portanto não sabia que em suas veias corria

o sangue de Salazar Slytherin, o que dava a ele o dom da ofidioglossia³⁸ e o ajudaria a se tornar um dos alunos mais especiais de Hogwarts.

Até agora expusemos a origem familiar de Tom Riddle e fizemos algumas reflexões iniciais sobre a sua personalidade durante a infância e o início da adolescência. As passagens escolhidas para ilustrar as características dominadoras, calculistas e egocêntricas do órfão “esquisito” e “engraçado” serviram como primeiras amostras de traços psicológicos que certamente influenciaram na transformação de Voldemort em um sujeito Duplo.

Ao continuarmos a trajetória da personagem na série, chegamos aos seus anos escolares. Chamamos a atenção à ida do jovem órfão a Hogwarts, que é aguardada por Dumbledore com ansiedade. Ele revela a Harry que voltou à escola

com a intenção de vigiá-lo, coisa que, de qualquer forma, era minha obrigação, uma vez que ele não tinha família nem amigos, mas que, já então, eu sentia que devia fazer não somente por ele, mas pelos outros. (ROWLING, 2005, p. 217)

Dumbledore ainda acrescenta, ao falar do primeiro ano de Tom Riddle em Hogwarts, que

chegou o início do ano escolar e com ele veio Tom Riddle, um garoto quieto, com vestes de segunda mão, que se enfileirou com os outros calouros para a Seleção. Quase no instante em que o Chapéu Seletor tocou sua cabeça, ele foi colocado na Sonserina — continuou Dumbledore, indicando com a mão escurecida a prateleira acima de sua cabeça onde estava o Chapéu Seletor, antigo e imóvel. — Não sei em que momento Riddle soube que o famoso fundador da Casa era capaz de falar com as cobras, talvez naquela mesma noite. Este conhecimento só pode tê-lo alvoroçado e incentivado o seu senso de importância. (ROWLING, 2005, p. 282)

Nesse ponto da história de Tom Riddle há um paradoxo entre o que ele até então se apresentava com o que demonstrou em Hogwarts. Aquele garoto dominador, arrogante e propenso a machucar os demais

³⁸ Habilidade rara de falar com as cobras. Normalmente é uma capacidade característica de um bruxo das trevas.

não manifestava arrogância ou agressividade. Sendo um órfão talentoso e muito bonito, é claro que atraiu a atenção e a solidariedade dos professores quase na hora em que chegou. Parecia educado, quieto e sedento de saber. Deixou praticamente todos bem impressionados. (ROWLING, 2005, p. 283)

Dumbledore afirma que não foi bem-sucedido em encontrar muitas lembranças de Riddle em Hogwarts porque “poucos que o conheceram naquele tempo querem falar sobre ele; estão aterrorizados demais” (ROWLING, 2005, p. 284). No entanto, alguns que convenceu a falar lhe confirmam a obsessão que Riddle tinha por sua ascendência. Obviamente, ao saber que sua mãe morrera logo após seu nascimento, Tom conjura a hipótese de que ela seria a trouxa, não seu pai, justamente porque ela sucumbira à morte, vista por ele como uma fraqueza humana.

Tom, ao imaginar que sua mãe era trouxa, procura em vão pelo nome de Tom Riddle por toda a escola, em troféus, em prêmios, em registros históricos, contudo “foi forçado a aceitar que seu pai jamais pusera os pés em Hogwarts” (ROWLING, 2005, p. 284). Desprezando a memória de seu pai trouxa, é possivelmente nessa época que Tom Riddle abandona seu nome de batismo, criando para si a alcunha de Lord Voldemort.

A questão do nome define muito sobre o caráter da personagem. A partir do momento em que ela abandona sua ligação com um sujeito trouxa para se autointitular “Lord”, ela renega as suas origens, despreza a sua identidade para construir uma nova. Esse outro Eu de Tom Riddle buscava causar medo e terror e desejava que um dia todos os bruxos e trouxas temessem pronunciar seu nome.³⁹

Esse desejo apenas se acentuou quando Voldemort, então com 16 anos, descobriu as origens do nome Servolo. Ao tomar conhecimento de que era herdeiro de Salazar Slytherin, ele finalmente soube quem era o seu pai. A compreensão de que sua mãe fora abandonada pelo trouxa que lhe dera o nome despertou um desejo de vingança incontrolável em Voldemort. A morte do pai e dos avós paternos foram provavelmente as primeiras das muitas que cometeu.

A dissimulação é outra característica de Tom Riddle, pois ninguém em Hogwarts desconfiava de que o garoto cultivava em seu coração ódio, rancor e trevas. De acordo com Dumbledore,

³⁹ De fato, isso acontece quando a população bruxa passa a se referir a Voldemort como “você-sabe-quem” ou “aquele-que-não-deve-ser-nomeado”, por temer que ele possa aparecer.

ele concluiu o sétimo ano da escola, como seria de esperar, tendo obtido nota máxima em cada exame que prestou. Em sua volta, os colegas de turma estavam decidindo que empregos iriam procurar quando deixassem a escola. Quase todos esperavam feitos espetaculares de Tom Riddle, monitor, monitor-chefe, ganhador do Prêmio Especial por Serviços Prestados à Escola. Sei que vários professores, entre eles Slughorn, sugeriram que ele entrasse para o Ministério da Magia, se ofereceram para marcar entrevistas, apresentarem-lhe contatos úteis. Voldemort recusou todos os oferecimentos. Pouco depois, os professores souberam que ele estava trabalhando na Borgin & Burkes (ROWLING, 2005, p. 338)

A recusa de Voldemort a todas as carreiras brilhantes que um bruxo igualmente brilhante como ele poderia ter não foi um mero acaso, tampouco a escolha de trabalhar em uma loja. Curiosamente a Borgin & Burkes foi o estabelecimento escolhido por sua mãe para vender o medalhão de Salazar Slytherin, quase 20 anos antes.

Veremos a seguir como o promissor Tom Riddle, com todo o talento mágico que possuía, se aventurou nas artes mais obscuras da magia, com a intenção de obter o que muitos homens matariam para ter: a imortalidade. É pertinente acrescentar que Voldemort, de fato, matou para romper os limites de sua mortalidade. Assim as Horcruxes foram criadas.

3.2 Horcruxes: a ascensão e a queda do Lord das Trevas

No subcapítulo anterior expusemos traços da personalidade de Tom Riddle, que são relevantes para compreendermos o desejo da personagem de se tornar imortal. Vimos que ele renegou as suas origens mestiças, preferindo considerar apenas a ascendência bruxa, visto que ela o fazia se sentir importante e digno de admiração. Características como egocentrismo e narcisismo, assim como seus grandes poderes mágicos, davam à personagem certeza de que precisava e podia chegar a lugares que nenhum outro bruxo chegara antes dele. Igualmente, pudemos observar que, por algum motivo, Riddle considerava a morte uma fraqueza humana, e que, portanto, morrer era, para ele, algo intolerável. Ao relacionarmos o medo da

morte apresentado por ele a sua mania de grandeza, compreenderemos que a personagem não queria apenas a imortalidade, mas sim obter isso de uma forma única, nunca antes obtida.

No presente subcapítulo, abordaremos a criação das Horcruxes de Voldemort, bem como mostraremos, por meio de uma retomada de algumas passagens das obras, a relação entre a sua imortalidade e as transformações físicas pelas quais ele passou ao longo da série.

Em uma definição simples, uma Horcrux seria um objeto no qual uma pessoa deposita um pedaço da sua alma. Pensar nessa possibilidade de dividir o espírito uma vez já causa um grande estranhamento, mas se analisarmos os desejos de Tom Riddle em relação a tornar-se imortal perceberemos que ele foi “mais longe que qualquer outro no caminho que leva à imortalidade” (ROWLING, 2001, p. 519), o que significa que sua intenção era dividir a alma mais de uma vez.

Em *O enigma do príncipe*, descobrimos que a personagem se informa com um de seus professores sobre como funcionavam as Horcruxes. O professor Slughorn, então, lhe responde que

a pessoa divide a alma, entende – explicou Slughorn –, e esconde metade dela em um objeto externo ao corpo. Então, mesmo que seu corpo seja atacado ou destruído, a pessoa não poderá morrer, porque parte de sua alma continuará presa à terra, intacta. Mas, naturalmente, a existência sob tal forma (...) poucas pessoas iriam querer, Tom, muito poucas. A morte seria preferível. (ROWLING, 2005, p. 390)

Baseados no que vimos até agora sobre a personalidade de Voldemort, podemos deduzir que ele preferia mutilar o próprio espírito a morrer. Devemos ir além, inclusive: Tom Riddle não buscava apenas tornar-se imortal dividindo sua alma em duas partes, mas sim em sete, o número mágico mais poderoso. Preso a simbolismos, Voldemort queria saber de Slughorn apenas o que aconteceria se alguém dividisse a alma em sete partes.

O professor Slughorn ainda explica a Tom Riddle que somente um ato de suprema maldade seria capaz de romper a alma e dividi-la: matar alguém. O feiticeiro que tivesse a intenção de criar uma Horcrux usaria a ruptura da alma causada pelo assassinato para encerrá-la em um objeto. A questão de como

encerrar esse pedaço de alma em algo externo, contudo, não é clara nos livros. Feitiços e provavelmente poções seriam necessários para tal ato.

Parece-nos correto afirmar que na época em que Tom conversou com seu professor sobre Horcruxes ele já havia feito, no mínimo, uma. Voldemort apenas queria ter certeza de que não haveria maiores “problemas” se continuasse a dividir sua alma. Dumbledore e Harry, ao visitarem a lembrança na qual ficam sabendo o que é uma Horcrux, percebem que Riddle está usando um anel de ouro, com uma pedra negra engastada nele. A segunda parte dividida da alma de Voldemort estava nesse objeto.⁴⁰

A primeira divisão da alma de Voldemort, entretanto, foi realizada logo após ele descobrir a entrada para a lendária Câmara Secreta, um local, onde, segundo a lenda, Salazar Slytherin teria escondido um monstro que expurgaria o castelo de Hogwarts de seus alunos nascidos trouxas. Voldemort, aos 16 anos, abriu a Câmara e em segredo insuflou o monstro de Slytherin, um basilisco, contra esses alunos, matando uma menina.⁴¹ Com medo de que a escola fechasse e ele tivesse que voltar para sempre para o orfanato onde nascera, Riddle interrompeu os ataques, colocando a culpa em outra pessoa. Recebeu um prêmio por serviços prestados à escola e deixou em um diário seu “Eu” de 16 anos, que mais tarde continuaria a tarefa.

Esse “Eu de 16 anos” nada mais é do que um pedaço da alma de Voldemort, a sua primeira Horcrux. Esse pedaço, no entanto, foi destruído por Harry Potter em seu segundo ano em Hogwarts. Na ocasião, a memória de Riddle saíra do diário e ganhava forças suficientes para deixar de ser uma mera lembrança.

Pouco antes de deixar Hogwarts, ele procurou a Dama Cinzenta, um dos fantasmas da escola, que se sabia ser a filha de Rowena Ravenclaw. O garoto Tom Riddle convenceu o espírito a lhe dizer onde estava o diadema de sua mãe, famoso pelos supostos poderes mágicos que garantia ao seu possuidor. Riddle, assim, obteve um artefato de um fundador de Hogwarts, que posteriormente transformou em uma Horcrux.⁴²

⁴⁰ Voldemort usou a morte do pai, Tom Riddle, para fazer sua segunda Horcrux. Encerrou a segunda divisão de sua alma no anel da família Gaunt, que roubara de seu tio, Morfino, no verão de 1943.

⁴¹ A morte da menina foi usada para encerrar a primeira divisão da alma de Voldemort na sua primeira Horcrux, o diário de Tom Riddle.

⁴² Provavelmente essa Horcrux foi criada pela morte de um camponês, na Albânia, onde o Diadema de Ravenclaw estava escondido.

Ao sair da escola, formado como o aluno mais brilhante que seus professores haviam visto, recusou, como vimos, todas as grandes carreiras que poderia escolher. Ao decidir trabalhar na loja de artigos das trevas Borgin & Burkes, ele via grandes possibilidades de encontrar lá alguns artefatos raros e únicos para sua coleção de troféus.

Nesse ponto voltamos a uma das características da personalidade de Voldemort: a mania de apropriação, de colecionar objetos de grande valor. Na loja onde passou a trabalhar, ele descobriu dois artefatos de inestimável importância histórica: o medalhão de Salazar Slytherin⁴³ (que outrora pertencera a sua mãe, Mérope) e a taça de Helga Hufflepuff,⁴⁴ cofundadora de Hogwarts.

A descoberta desses dois itens excitou o espírito de Riddle a desejar possuí-los. Trabalhando para Borgin & Burkes, ele foi mandado à casa de uma mulher chamada Hepzibá Smith para negociar uma armadura fabricada por duendes. Ela, seduzida pelo charme e pela astúcia de Voldemort, mostrou a ele esses dois objetos, que guardava como verdadeiros tesouros que eram. Dois dias depois ela foi encontrada morta, e ambos os artefatos haviam sumido.

Era de se esperar que Voldemort desaparecesse após esse assassinato, e foi o que fez. Não se teve notícias de Tom Riddle durante 10 anos, até ele reaparecer, agora efetivamente usando o nome com o qual seria conhecido e temido durante tanto tempo. O Lord voltou à Hogwarts, onde pediu ao diretor Dumbledore o emprego de professor da disciplina de Defesa Contra as Artes das Trevas.

Nessa ocasião, Tom Riddle apresentava estranhas mudanças físicas. O rapaz bonito dera lugar a alguém estranho, “como se suas feições tivessem queimado e embaçado; estavam macilentas e estranhamente distorcidas, e o branco dos olhos parecia estar permanentemente injetado...” (ROWLING, 2005, p. 346). Quanto mais Voldemort se aprofundava em conhecimentos obscuros, mais sua aparência mudava.

Por mais que justificasse sua pretensão em trabalhar em Hogwarts, Tom Riddle se viu recusado por Dumbledore. Ainda que afirmasse que levaria a magia a extremos que ninguém levaria, o diretor percebia os objetivos daquele homem que se transformava em uma criatura mutilada por suas experiências com as artes das trevas. No entanto, aquela recusa teve pouco efeito em suas intenções.

⁴³ Acredita-se que foi transformado em Horcrux pela morte de um mendigo trouxa.

⁴⁴ Transformado em Horcrux pela morte de sua dona, Hepzibá Smith.

Em breve, salvaguardado por suas cinco Horcruxes, o admirado Tom Riddle deu lugar ao temido Lord Voldemort e iniciou o que foi conhecido na série como a Primeira Guerra Bruxa. Liderando um exército de bruxos e bruxas, gigantes, lobisomens e outras criaturas, além do auxílio de seus Comensais da Morte,⁴⁵ o feiticeiro das trevas mais temido de todos os tempos começou a ascender rumo ao controle das populações bruxa e trouxa.

Quando Voldemort se mostrou ao mundo e a guerra estourou, mortes de muitos bruxos e não bruxos ocorriam diariamente. Seus Comensais usavam sem pudor as Maldições Imperdoáveis⁴⁶ contra inocentes, pelo simples prazer de matar ou para torturar e controlar suas vítimas. Os aurores, policiais do Ministério da Magia, ganharam a permissão de revidar na mesma moeda, contudo suas forças não se comparavam a dos inimigos.

Em um determinado momento, entretanto, Voldemort descobriu algo que poderia abalar tudo que conquistara até então: uma profecia, que previa a sua queda, havia sido feita. Severo Snape, um de seus Comensais da Morte, tentara ouvir essa profecia para passar seu conteúdo a seu mestre. Segundo as palavras da vidente,

Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês... e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das Trevas desconhece... e um dos dois deverá morrer na mão do outro pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar... (ROWLING, 2003, p. 679)

A derrocada de Lord Voldemort se inicia quando seu servo ouve apenas o início da profecia, não dando a seu senhor informações que talvez o prevenissem de tomar a atitude que tomou: era hora de fazer a sexta Horcrux, de dividir a alma mais uma vez, em seu sétimo e último pedaço, matando aquele que seria capaz de derrotá-lo. Uma morte especial para uma Horcrux especial.

O fato de Voldemort não saber da profecia como um todo o fez escolher, dentre dois recém-nascidos com as características descritas na predição, o menino

⁴⁵ Nome dado aos seguidores mais fiéis de Voldemort. Possuem um símbolo tatuado no braço esquerdo, a Marca Negra. Essa marca, uma cobra saindo da boca de um crânio, é usada por Voldemort para convocar os Comensais.

⁴⁶ São três as Maldições Imperdoáveis: *Imperius*, que dá a quem a utiliza controle sobre os atos de outrem; *Cruciatius*, que inflige dor ao alvo; e *Avada Kedavra*, a Maldição da Morte, que mata instantaneamente, sem deixar marcas ou sinais.

Harry Potter. Harry nasceu no dia 31 de Julho, filho de um bruxo puro sangue, Tiago Potter, e de uma bruxa nascida trouxa, Lilian Potter, que o desafiaram três vezes. Como podemos observar, Harry Potter era um mestiço, assim como o próprio Lord das Trevas.

Após matar Lilian e Tiago, tendo ela dado a vida para proteger o filho, colocando-se a frente dele, Voldemort voltou-se para o bebê, a frágil criatura que, como tantas outras antes dela, não deveria sobreviver à fatal Avada Kedavra. Misteriosamente, a Maldição da Morte ricocheteou, destruindo seu corpo e seus poderes. O bebê Harry, agora órfão, sobreviveu, apenas com uma cicatriz em forma de raio na testa. O Lord das Trevas havia caído. Voldemort desaparecera.

A falha em matar Harry Potter provou a Voldemort que suas Horcruxes funcionavam. Ele era, de fato, imortal, uma vez que, embora sem forma física, ele permanecia preso ao mundo, sob a forma de um espírito errante⁴⁷. Durante anos escondeu-se nas florestas da Albânia, possuindo ratos e cobras e esperando que algum fiel Comensal da Morte o procurasse e encontrasse. Todavia, ou eles o consideravam morto ou estavam eles próprios mortos ou presos.

Após treze anos de exílio e tentativas frustradas de retomar o seu corpo, Voldemort finalmente recebe a ajuda de alguns fiéis aliados, o que o permite obter um corpo rudimentar, o suficiente para que pudesse viajar e usar uma varinha. Nessa mesma época, Voldemort completa a criação de suas Horcruxes, transformando sua cobra de estimação, Nagini, no sexto receptáculo externo de sua alma.⁴⁸

O primeiro passo para a retomada dos velhos poderes havia sido dado. Voldemort precisava agora recuperar o antigo corpo, que traria a ele todas as possibilidades de levar ao mundo bruxo e trouxa outra época de escuridão. Para tanto, era necessária a preparação de uma poção, “uma velha peça de Magia Negra” (ROWLING, 2001, p. 521), produzida com três itens: carne doada por um

⁴⁷ Voldemort, após perder seu corpo, só pode assumir forma quando compartilha do corpo de outra pessoa, como ele mesmo diz a Harry Potter, em *A pedra filosofal*: “Está vendo no que me transformei? - disse o rosto. - Apenas uma sombra vaporosa. Só tenho forma quando posso compartilhar o corpo de alguém... Mas sempre houve gente disposta a me deixar entrar no seu coração e na sua mente... O sangue do unicórnio me fortaleceu, nessas últimas semanas... Você viu o fiel Quirrell bebendo-o por mim na floresta... E uma vez que eu tenha o elixir da vida, poderei criar um corpo só meu...”. (ROWLING, 2000a, p. 250)

⁴⁸ Nagini foi transformada em Horcrux a partir da morte de Franco Bryce, antigo caseiro da mansão do pai de Voldemort.

servo, o osso do pai de Voldemort e o sangue de um inimigo. Obviamente, o inimigo em questão era Harry Potter.

Auxiliado por servos fiéis, Voldemort transportou o garoto Potter ao cemitério onde seu pai havia sido enterrado. Uma vez lá, a poção foi preparada em um caldeirão, de onde surgiu o Lord das Trevas,

mais branco do que um crânio, com olhos grandes e vermelhos, um nariz chato como o das cobras e fendas no lugar das narinas (...) suas mãos eram como aranhas grandes e pálidas; seus longos dedos brancos acariciaram o próprio peito, os braços, o rosto; os olhos vermelhos, cujas pupilas eram fendas, como as de um gato, brilhavam ainda mais no escuro. (ROWLING, 2001, p. 512)

O retorno de Lord Voldemort significava paralelamente o retorno dos Comensais da Morte. Por meio da Marca Negra tatuada no braço esquerdo de um de seus servos, Rabicho, o Lord das Trevas convoca à sua presença os seus asseclas. O clima de vergonha, medo e surpresa é visível no círculo de Comensais, que prorrompem em discursos de desculpas a seu senhor. Voldemort ordena que se caleem, e aos poucos ele lhes revela como foram os anos passados e como obteve o corpo de volta.

As palavras de Voldemort carregam informações preciosas. A própria escolha do sangue de Harry Potter para recuperar seu corpo não se deu apenas pela oposição que a profecia fizera entre eles, mas sim pelo sacrifício de Lilian Potter por seu filho. De acordo com o feiticeiro, “a mãe dele morreu tentando salvá-lo, e sem saber, o resguardou com uma proteção que, devo admitir, eu não havia previsto... Eu não pude tocá-lo” (ROWLING, 2001, p. 518). Ele prova então, ao tocar Harry Potter, que está preso no cemitério e ouve tudo calado, que essa proteção não mais existe. Voldemort agora tinha o poder do sacrifício de Lilian Potter em seu corpo.

O Lord das Trevas prossegue em seu discurso de renascimento. Por suas palavras, os Comensais sabem como foi quando Voldemort sentiu sua própria maldição ricochetear contra ele:

a dor que ultrapassa a dor, meus amigos, nada poderia ter me preparado para aquilo. Fui arrancado do meu corpo, me tornei menos que um espírito, menos que o fantasma mais insignificante... Mas, ainda assim, continuei vivo. Em que me transformei, nem eu mesmo sei... Eu que cheguei mais longe que qualquer outro no caminho que leva à imortalidade. Vocês conhecem o meu objetivo, vencer a morte. E agora fui testado, e aparentemente uma, ou mais de uma, das minhas experiências foi bem-

sucedida... Pois eu não morri, embora a maldição devesse ter me matado. (ROWLING, 2001, p. 519)

Ao discurso de Voldemort se segue o inevitável embate entre o Lord das Trevas e Harry Potter. O primeiro lança a Maldição da Morte, o segundo o feitiço de desarmamento, *Expelliarmus*. Nesse instante ocorre um fenômeno inesperado pelos dois: *Priori Incantatem*.⁴⁹ As varinhas dos dois bruxos se conectam, erguendo-os do chão, envoltos em uma gaiola de luz. Eles veem sair da varinha de Voldemort os fantasmas dos seus últimos feitiços: os “fantasmas” de suas últimas cinco mortes, incluindo os pais de Harry. Com o auxílio dessas figuras, Harry Potter escapa do inimigo mais uma vez, retornando a Hogwarts, onde conta a Dumbledore sobre tudo que viu e ouviu no cemitério, sobre o retorno do Lord das Trevas e sobre seus Comensais da Morte.

Cerca de um ano depois do retorno de Voldemort, ele trava uma batalha com Dumbledore. O duelo, que ocorre em *A ordem da fênix*, revela não apenas o imenso poder dos dois bruxos, mas também confirma ainda mais temor de Voldemort em relação à morte. Ele pergunta a Dumbledore:

- Você não está procurando me matar, Dumbledore? – gritou Voldemort, seus olhos vermelhos apertados e visíveis por cima do escudo. – Está acima de tal brutalidade?
- Ambos sabemos que há outras maneiras de destruir um homem, Tom – disse Dumbledore calmamente, continuando a andar em direção a Voldemort como se nada temesse no mundo, como se nada tivesse acontecido para interromper o seu passeio pelo saguão. – Admito que meramente tirar sua vida não me satisfaria...
- Não há nada pior do que a morte, Dumbledore! – rosou Voldemort.
- Você está muito enganado – disse Dumbledore, ainda avançando para Voldemort e falando naturalmente como se estivessem discutindo a questão enquanto tomavam um drinque. (...) – Na verdade, sua incapacidade de compreender que há coisas muito piores do que a morte sempre foi sua maior fraqueza... (ROWLING, 2003, p. 658-659)

A volta de Voldemort e a batalha travada por ele e Dumbledore são passagens da série que confirmam o poder e a importância das Horcruxes para a personagem. Ela afirma aos Comensais que mais de uma das suas experiências

⁴⁹ *Priori Incantatem*, ou *Reversão de Feitiço*, ocorre quando duas varinhas gêmeas (de mesmo núcleo) duelam. Elas não podem se ferir gravemente, e uma delas revela os últimos feitiços da outra, que saem da ponta da varinha, como “ecos”, fantasmas. No caso de Lord Voldemort e Harry Potter, as últimas cinco mortes realizadas pela varinha do feitiçeiro foram reveladas, “trazendo de volta” os “ecos” das pessoas mortas por ela.

para escapar da morte havia sido bem-sucedida, assim como veementemente afirma a Dumbledore que não há nada pior do que morrer. A incapacidade de Voldemort de compreender que a morte é um processo natural pelo qual todos devem passar, não uma vergonhosa fraqueza humana, assemelha-se a sua impossibilidade de entender o poder de um sacrifício, do amor e de que há forças muito mais poderosas do que a própria magia que ele é capaz de executar.

Possivelmente por suas limitações referentes a assuntos sentimentais e existenciais, a personagem tenha feito escolhas que, embora ele não pudesse prever, o aproximaram da morte e não o contrário. Podemos observar isso ao fazermos uma reflexão sobre a criação das Horcruxes. Por mais que elas mantivessem o espírito de Voldemort preso ao mundo, a cada divisão desse espírito a sua alma tornava-se mais mutilada e corrompida. A personagem não sabia, por exemplo, que de tão instável, seu espírito se dividiu sozinho, criando uma Horcrux involuntária, justamente prendendo-se ao corpo de Harry Potter, ou seja: a alma de Voldemort dividira-se em oito partes, não sete. Dessa forma, antagonista e protagonista possuíam uma conexão mental, o que permitiu ao garoto descobrir onde estavam escondidas todas as Horcruxes e destruir cada uma delas, fazendo com que Voldemort, conseqüentemente, voltasse a ser mortal.

As escolhas realizadas pela personagem comprovam o que Dumbledore afirma, em *A câmara secreta*, ao dizer que “são nossas escolhas, Harry, que revelam o que realmente somos, muito mais do que as nossas qualidades” (ROWLING, 2000b, p. 280). Voldemort escolheu Harry Potter como seu inimigo, dentre dois meninos aos quais a profecia se referia, e deu a ele, assim, poderes e motivação para que o enfrentasse e o derrotasse. Tom Riddle, desde a mais tenra idade, era incapaz de medir seus atos, de refletir sobre as conseqüências ruins que suas escolhas poderiam lhe trazer.

Os erros de percurso cometidos por Voldemort nos trazem ao final da série e ao fim de sua vida, e vemos que, em *As relíquias da morte*, ele toma a última decisão errada e que está diretamente ligada a sua morte: ele decide obter a Varinha das Varinhas, considerada um artefato lendário e a varinha mais poderosa de todas.

No sexto volume da série, *O enigma do príncipe*, Dumbledore é morto por Severo Snape, mas antes foi desarmado por Draco Malfoy, que teria sido encarregado por Voldemort da missão de assassinar o diretor. Esse simples fato de

Draco o ter desarmado mudou os rumos da narrativa, pois no sétimo volume descobrimos que Dumbledore era o último possuidor da Varinha das Varinhas, da mesma forma que descobrimos que a lealdade de uma varinha pode mudar, de acordo com a forma como ela é obtida do adversário. Ou seja: não é necessário matar outro bruxo para que sua varinha lhe dedique lealdade, algo que Voldemort, como tantas outras coisas, não compreendia.

A incompreensão de Voldemort em relação a esse fato foi determinante para a sua derrota. Ele julgava que bastaria violar o túmulo de Dumbledore e roubar a Varinha para que fosse seu novo senhor, sem recordar-se que Severo Snape matara o diretor e, principalmente, sem entender que Draco Malfoy era, na realidade, o senhor da Varinha das Varinhas. Nesse mesmo instante, ao apoderar-se do artefato, ele é informado de algo: uma de suas Horcruxes havia sido roubada de um dos cofres do Banco de Gringotes por Harry Potter.

Rapidamente Lord Voldemort examina os fatos e as possibilidades. O diário havia sido destruído, o anel dos Gaunt e o medalhão de Slytherin também. A taça de Hufflepuff acabara de ser roubada e logo também deixaria de existir. Tom Riddle voltava a pensar na morte, sentia que a sua imortalidade estava correndo perigo. Deveria manter a cobra Nagini por perto, e regozijava-se de que a outra Horcrux, o diadema de Ravenclaw, estava escondida em Hogwarts, em uma sala que somente ele conheceria. Seus pensamentos, no entanto, estavam sendo visualizados por Harry Potter.

Era inevitável que Voldemort voltasse a Hogwarts para verificar se o diadema ainda permanecia lá. No entanto, a escola já apresentava uma resistência contra as forças das trevas, guarnecendo o castelo com feitiços e preparando os alunos maiores de idade e os membros restantes da Ordem da Fênix para lutar. Assim começava a Batalha de Hogwarts.

Voldemort, em pessoa, não participou da batalha. Seus Comensais da Morte, gigantes, acromântulas,⁵⁰ lobisomens e dementadores atacavam o castelo enquanto ele procurava descobrir o motivo de a Varinha das Varinhas não funcionar perfeitamente com ele. A resposta, em sua visão, estava com Snape, aquele que supostamente teria derrotado Dumbledore. Dessa forma, Voldemort ordena que

⁵⁰ Aranhas gigantes.

Nagini mate Severo, a fim de que a lealdade da varinha repasse finalmente ao Lord das Trevas.

Após julgar que finalmente detinha a lealdade da Varinha da Morte, Voldemort fala a toda a escola, sua voz magicamente ampliada, dizendo:

Vocês lutaram, disse a voz, valorosamente. Lord Voldemort sabe valorizar a bravura.

Vocês sofreram pesadas baixas. Se continuarem a resistir a mim, todos morrerão, um a um. Não quero que isto aconteça. Cada gota de sangue mágico derramado é uma perda e um desperdício.

Lord Voldemort é misericordioso. Ordeno que minhas forças se retirem imediatamente.

Vocês têm uma hora. Deem um destino digno a seus mortos e cuidem de seus feridos.

Eu me dirijo agora diretamente a você, Harry Potter. Você permitiu que os seus amigos morressem por você em lugar de me enfrentar pessoalmente. Esperarei uma hora na Floresta Proibida. Se ao fim desse prazo você não tiver vindo ao meu encontro, não tiver se entregado, então a batalha recomeçará. Desta vez eu participarei da luta, Harry Potter, e o encontrarei, e castigarei até o último homem, mulher e criança que tentou escondê-lo de mim. Uma hora. (ROWLING, 2007, p. 512)

As palavras de Voldemort foram atendidas por Harry Potter. O Lord das Trevas, porém, não sabia que, sem querer, havia transformado o garoto em uma Horcrux, representada pela cicatriz em forma de raio na testa, no dia em que falhara em matá-lo. Dezesete anos depois, por vontade própria, O menino que sobreviveu se encaminhou para os braços de seu inimigo, na Floresta Proibida, onde foi atingido pela Maldição da Morte mais uma vez.⁵¹

Após ficar inconsciente por um tempo, Voldemort recupera a consciência. Ordena que uma de suas servas, Narcisa Malfoy, mãe de Draco Malfoy, verifique se Harry Potter está mesmo morto. Ela afirma, mentindo, que sim. Voldemort e seu exército marcham para o castelo, onde o Lord se gaba de sua vitória, dizendo que

Harry Potter está morto. Foi abatido em plena fuga, tentando se salvar enquanto vocês ofereciam as vidas por ele. Trazemos aqui o seu cadáver como prova de que o seu herói deixou de existir.

A batalha está ganha. Vocês perderam metade dos seus combatentes. Os meus Comensais da Morte são mais numerosos que vocês, e O-Menino-Que-Sobreviveu está liquidado. A guerra deve cessar. Quem continuar a resistir, homem, mulher ou criança, será exterminado, bem como todos os

⁵¹ A morte de Harry Potter seria a destruição do pedaço da alma de Voldemort contido em seu corpo. Antes de encaminhar-se para aquele ato derradeiro, instruíra Neville Longbottom, amigo de Hogwarts, a matar a cobra de Voldemort. Juntando isso ao fato de que a taça de Hufflepuff e o diadema de Ravenclaw haviam sido destruídos durante a Batalha de Hogwarts, Voldemort voltaria a ser mortal.

membros de sua família. Saiam do castelo agora, ajoelhem-se diante de mim e serão poupados. Seus pais e filhos, seus irmãos e irmãs viverão e serão perdoados, e vocês se unirão a mim no novo mundo que construiremos juntos. (ROWLING, 2007, p, 566)

Nesse instante, quando Voldemort julgava-se vencedor, alguns acontecimentos fizeram com que a batalha recomeçasse. Centauros vieram da Floresta Proibida, disparando flechas sobre os Comensais da Morte. Neville Longbottom, atendendo a um pedido de Harry Potter, mata a cobra Nagini ao decepar sua cabeça com a espada de Godric Gryffindor. A última Horcrux havia sido destruída.

O segundo turno da batalha se inicia. Harry Potter havia sumido e todos se empurravam, lutando, para dentro do Salão Principal. Voldemort lutava contra quatro ao mesmo tempo, enfurecido, com medo, mas incapaz de ser derrotado, ainda que cercado. Então, ele vê a sua melhor tenente, Belatriz Lestrange, ser morta. Ele tenta se vingar, mas é surpreendido pelo aparecimento de Harry Potter.

O salão inteiro para enquanto os dois se encaram. Harry Potter zomba de Voldemort ao chamá-lo de Tom e ao dizer que, ao sacrificar-se propositalmente por todos em Hogwarts, lhes conferiu a mesma proteção que um dia sua mãe havia lhe conferido. Voldemort não poderia matar nenhum deles.

Os dois arqui-inimigos discutem enquanto Voldemort se recusa a acreditar que seus planos todos foram contornados pelo garoto. Suas Horcruxes haviam sido destruídas, perdera seus aliados mais poderosos e muitos acontecimentos passados – como a morte de Dumbledore – não haviam ocorrido por ordem dele, mas sim por planejamento do próprio Dumbledore. Voldemort sente medo, mas Harry Potter diz que ele deveria sentir remorso,⁵² antes que fosse tarde demais.

A prepotência de Voldemort impede que ele acredite nas palavras de seu inimigo e o faz se vangloriar de ter roubado de Dumbledore a Varinha das Varinhas e de ter matado Snape para se tornar senhor do objeto. Harry, então, lhe diz que, na realidade, Severo Snape nunca foi senhor da varinha, mas sim Draco Malfoy, e que este já fora subjugado por ele.

⁵² Sentir remorso é a única maneira de tornar a alma uma novamente, embora possa causar dor tão excruciante que a pessoa poderia morrer durante o processo.

Mas o Lord das Trevas não deu ouvidos às verdades ditas por Harry, tampouco repensou suas atitudes. Em mais uma tentativa, lançou sua Avada Kedavra no garoto, que rebateu com a sua marca registrada, Expelliarmus, e

o estampido foi o de um tiro de canhão e as chamas douradas que jorraram entre as duas, no centro absoluto do círculo que eles tinham descrito, marcaram o ponto em que os feitiços colidiram. Harry viu o jato verde da maldição de Voldemort ir de encontro ao seu próprio feitiço, viu a Varinha das Varinhas voar para o alto, escura contra o nascente, girar pelo céu encantado como a cabeça de Nagini, girar pelo ar em direção ao seu senhor que se recusava a matar e que viera, enfim, tomar legitimamente a posse dela. E Harry, com a habilidade infalível de um apanhador, agarrou a varinha com a mão livre ao mesmo tempo que Voldemort caía para trás de braços abertos, as pupilas ofídicas dos olhos vermelhos virando para dentro. Tom Riddle bateu no chão com uma finalidade terrena, seu corpo fraco e encolhido, as mãos brancas vazias, o rosto de cobra apático e inconsciente. Voldemort estava morto e atingido pelo ricochete de sua própria maldição, e Harry ficou parado com as duas varinhas na mão, contemplando o invólucro do seu inimigo. (ROWLING, 2007, p.578)

Assim chegou ao final a vida de Tom Servolo Riddle, temido e conhecido durante décadas como Lord Voldemort. Esse homem, visto por muitos como um monstro, uma distorção da natureza, ou ainda como um mestre inspirador, guardava em seu íntimo os medos, anseios e desejos mais comuns a todo ser humano. O medo da morte que guiou Voldemort durante toda a sua vida é tão normal quanto o próprio viver.

Tom Riddle nasceu de uma relação sem amor. A ausência desse sentimento desperta a inveja, o egocentrismo, o narcisismo e o fanatismo, características prementes da personalidade de Voldemort. A maneira como ele foi gerado e o abandono que um trouxa deu a ele e a sua mãe desenvolveram em seu coração o preconceito, o ódio, o racismo e a vontade ditatorial de subjugar todos um que ele considerasse inferiores.

Tanto a incapacidade de amar quanto a morte de sua mãe, uma bruxa, criaram no pensamento de Tom Riddle a ideia de que morrer é uma das mais vergonhosas fraquezas humanas. Riddle queria ser diferente, queria ser único, especial, queria vencer aquilo que o tornava tão fraco quanto qualquer bruxo ou trouxa. Buscar a imortalidade, então, deveria ser o objetivo maior de sua vida, mesmo que isso significasse matar qualquer um que entrasse em seu caminho;

ainda que ser imortal significasse mutilar o próprio espírito a ponto de transformar-se em uma criatura monstruosa, tanto física quanto espiritualmente.

A seguir, analisaremos essa personagem dupla sob a ótica dos estudos realizados por Otto Rank, em *O duplo*, e por Juan Bargalló e Yves Pélicier, em *Hacia una tipología del doble: el doble por fusión, por fisión e por metamorfosis* e *La problématique du Double*, respectivamente.

3.3 O Duplo em Lord Voldemort

Otto Rank, em *O duplo*, traz a crenças antigas de que a alma e o corpo formam uma unidade, que a perda da primeira acarretaria a morte do segundo. Igualmente, Rank nos fala que o Duplo surge justamente para anunciar a derrocada do indivíduo ou para livrá-lo da morte, como uma busca pela imortalidade. A partir dessas afirmações do teórico, iniciamos nossa análise sobre a duplicidade em Voldemort.

Para compreendermos a manifestação desse Duplo na personagem analisada, primeiramente devemos construir os passos desse fenômeno. Ao utilizarmos o verbo “construir”, pensamos em toda a trajetória elaborada nos subcapítulos anteriores, na qual levantamos traços muito importantes da personalidade de Tom Riddle, bem como passagens importantes de sua vida.

O primeiro fato ao qual devemos nos ater é a genealogia de Voldemort, e, por que não dizer, sua genética. Tom Servolo Riddle nasceu de uma união indesejável, impossível, que foi responsável pela morte de sua mãe bruxa e pelo abandono que recebeu de seu pai trouxa. Ora, tanto seus antepassados paternos quanto maternos eram obcecados por nobreza e ascendência, pela pureza da família. Era de se esperar que essa obsessão passasse para Voldemort.

Essa mesma genealogia e essa mesma genética foram responsáveis também por darem a Tom Riddle o dom da magia, que o capacitava a realizar “grandes feitos, terríveis, sim, mas grandes” (ROWLING, 2000a, p. 78). Logo cedo a sua personalidade egocêntrica, narcisista e dominadora se manifestou. Muito jovem ele já controlava seus poderes e era capaz de infligir dor a quem o aborrecia, a controlar mentes e a exercer grande influência sobre os demais. Podemos dizer que a perícia

mágica da personagem era muito superior à demonstrada pela maioria dos outros bruxos da série.

A maneira como os pais de Tom Riddle se relacionaram também foi determinante para a formação do Duplo que ele criou. Uma vez que sua mãe engravidou de seu pai enquanto ele estava dominado por uma poção do amor, que pode simular paixão, mas jamais amor, Voldemort é incapaz de amar.⁵³ Essa incapacidade de amar não permite que ele consiga entender o poder de um sacrifício; a compaixão e o remorso; a amizade entre as pessoas; a mortalidade como natureza do ser humano.

Ao falarmos na incapacidade de Voldemort de ver a morte como algo natural e necessário ao ser humano, nós levantamos outro motivo para a criação de seu Duplo: o medo de morrer. Otto Rank traz a ideia em seus estudos de que tanto a busca por identidade quanto o medo da morte são as condições iniciais para que o sujeito crie um Duplo de si mesmo. A partir disso, ficam muito claras as motivações de Tom Riddle para que ele tenha elaborado seu Duplo.

Construir o Duplo na personagem analisada necessita que trabalhem com a dicotomia *Tom Riddle x Lord Voldemort*, não por que um seja independente do outro, mas sim porque o segundo é uma fuga deliberada do primeiro, tanto na questão identitária quanto na questão da morte levantadas por Rank. Assim, como primeira reflexão sobre essa dicotomia, cabe aqui falarmos dos nomes da personagem.

O abandono do nome de batismo advém da personalidade que Voldemort adquiriu de seus antepassados. O orgulho exacerbado de sua ascendência materna, de sua condição de bruxo, o fez rejeitar os antepassados trouxas, o pai não bruxo que o abandonou antes do nascimento. Voldemort não queria ser relacionado a alguém inferior, sem poder; não queria carregar o nome daquele homem que fora, de alguma forma, responsável pela morte da mãe.

O surgimento de Lord Voldemort ocorreu quando Tom Riddle descobriu suas origens. Ele queria ser temido, queria que um dia todos vacilassem ao se lembrarem dele. Assim, de um anagrama de seu nome de batismo surgiu a alcunha com a qual foi conhecido durante as décadas de terror que inspirou. Tom Servolo Riddle: Eis Lord Voldemort.

⁵³ Informação revelada por J.K. Rowling, em seu website (<http://www.jkrowling.com/>).

A troca deliberada de Tom Servolo Riddle por Lord Voldemort representa a busca por uma identidade. Uma vez que ser um mestiço lhe desagradava, era necessário perceber-se como diferente, vestir uma máscara, pregar o oposto daquilo que era, para que ele mesmo pudesse acreditar que havia mudado. Assim nasceu o preconceito de Voldemort com os bruxos nascidos trouxas, com os próprios trouxas e com todos que aceitavam a morte como algo natural.

Compreender que Tom Riddle era um mestiço, mortal, filho de uma bruxa que não fez jus aos seus poderes ao se deixar morrer nos remete também à fuga da morte que ele empreendeu. Voldemort sentia vergonha de sua mãe nessa questão, via a morte como a fraqueza mais vergonhosa do ser humano e a temia mais do que tudo. A personagem seguiu, então, o que Rank vê como a relação primária entre a morte e a criação de um Duplo: a busca por imortalidade.

Otto Rank levantou alguns símbolos de crenças antigas que construíam a ideia de alma. Vimos, por meio da sombra, do reflexo e da figura dos gêmeos, que a alma é, em sua essência, a contraparte imortal do corpo humano, ou seja: alma e corpo são duas partes de uma mesma unidade.

A construção do Duplo por Voldemort ocorreu, efetivamente, então, quando ele decidiu atingir a imortalidade. Vimos suas motivações nesse sentido: sua personalidade arrogante e narcisista, a morte de sua mãe bruxa, o medo que ele tinha de morrer. O desejo de tornar-se senhor do mundo bruxo e trouxa e subjugar a todos demandaria que ninguém pudesse ser capaz de derrotá-lo. Assim surgiram as Horcruxes.

As Horcruxes, como visto no subcapítulo anterior, guardam pedaços da alma de uma pessoa, permitindo que seu espírito permaneça atrelado a esse mundo caso seu corpo seja destruído. Voldemort, ao criar esses objetos, mais que se duplicou, pois dividiu seu espírito em oito partes. As sete Horcruxes que criou (uma delas involuntariamente) manteriam seu espírito preso à Terra se seu corpo fosse destruído, o que de fato aconteceu, provando a todos a sua imortalidade.

Mas essa imortalidade trouxe consequências ruins a Voldemort. O Duplo se prova ao longo da história da literatura como uma fuga efêmera da morte, não mais do que isso, porque ele sempre acaba por trazer revezes, quase sempre aquilo do qual se tentava escapar. Voldemort, antes de iniciar o processo de divisão de sua alma, era um homem bonito, de aparência agradável, que despertava o interesse e o sorriso de outras pessoas. Mas vimos que

com a passagem do tempo, Lord Voldemort parecia ter se tornado menos humano, e as transformações que ele sofrera só me pareciam explicáveis se sua alma estivesse mutilada além da esfera do que chamaríamos de maldade normal... (ROWLING, 2005, p. 393)

Compreendemos que as Horcruxes exerceram um papel fundamental na manifestação do Duplo em Voldemort, não só pela divisão da alma, mas também pelas transformações físicas pelas quais ele passou. O rapaz bonitão, de olhos e cabelos escuros transformou-se em uma criatura de pele pálida e sem vida, de olhos vermelhos de pupilas felinas, fendas no lugar das narinas e o rosto todo ofídico. O corpo sofreu um grande impacto com a imortalidade de Voldemort, o que remete às crenças antigas acerca da ligação entre a alma e o corpo (RANK, 1939).

A destruição das Horcruxes, ou seja, o aniquilamento dos sete pedaços divididos da alma de Lord Voldemort, devolveria a ele a condição de mortal. O oitavo pedaço, encerrado em seu corpo, que mantinha o seu Eu, estava demasiadamente desfigurado e frágil; seria necessário apenas um ataque direto ao seu corpo para que tudo terminasse.

De fato, até mesmo após sua morte, o Duplo realizado por Voldemort, por meio das Horcruxes, continuou afetando-o, e revelou o quão destruído estava seu espírito. Enquanto Harry Potter estava “morto”, após aceitar receber a Maldição da Morte de Voldemort, ele viu o que Tom Servolo Riddle se tornaria.

Lord Voldemort “mexeu de forma tão imprudente com as mais profundas leis da magia” (ROWLING, 2007, p. 553) que tudo que ele obteve, no final, foi um lugar eterno no limbo, no esquecimento, incapaz de “continuar”. O que ele se tornou

tinha a forma de uma criancinha nua, enroscada no chão, a pele em carne viva e grossa, parecendo açoitada, e tremia embaixo de uma cadeira onde fora deixada, indesejável, posta fora de vista, tentando respirar. (ROWLING, 2007, p. 549)

Buscar a imortalidade é um desejo humano muito antigo, porque o desconhecido nos amedronta; “nascer para morrer” é triste, é vergonhoso e nos faz reconhecer que, por mais superiores que sejamos na evolução das espécies, nosso fim é idêntico ao de qualquer outro animal. Voldemort representa todas essas verdades, esses receios e anseios que o ser humano sempre teve. Ele apenas

conseguiu, rompendo todos os limites da natureza, concretizar o que muitos homens já objetivaram, embora a um preço muito alto.

Identificar a manifestação do Duplo em Lord Voldemort, no entanto, não era o único objetivo desta pesquisa. Ao verificarmos como o Duplo na personagem foi construído no âmbito da narrativa, pretendíamos encaixá-lo, então, em algumas das tipologias propostas por Juan Bargalló e por Yves Pélicier, as quais foram citadas no capítulo anterior.

Uma vez que Voldemort dividiu sua alma em partes e as depositou em objetos ou outros seres, podemos categorizá-lo, primeiramente, na **fabricação de um simulacro**, tipo proposto pelo estudioso francês. A partir desses simulacros produzidos por Voldemort, as Horcruxes, outros tipos de Duplo foram surgindo. Ainda de acordo com as classificações de Pélicier, há a **transformação**. Nesse caso, o ser original sofre uma transformação, surgindo para si mesmo e para os outros tão modificado que não é mais reconhecível. Isso ocorre justamente em decorrência da produção dos simulacros de Voldemort, que transformaram sua aparência física de tal forma que o garoto bonito e bem apessoado dá lugar a uma criatura de aparência monstruosa e ofídica.

Podemos encaixar também Lord Voldemort e seu Duplo em uma das subdivisões de *desdobramento* propostas por Juan Bargalló, no caso sob o tipo **metamorfose**. Esse tipo de Duplo é caracterizado pela criação de uma entidade humana ou uma não humana, mas revestida de forma humana, a partir do ser original. No caso de Voldemort, temos a projeção de seu Eu de 16 anos que sai de uma de suas Horcruxes, o diário. Apesar de ser apenas uma lembrança, ela é um ser independente do original, revestida de forma humana.

Chegamos ao final deste capítulo sobre Voldemort após identificarmos a manifestação de seu Duplo por meio de suas Horcruxes e definirmos em que tipos de Duplo essa manifestação se encaixa. Finalizamos a exposição da vida de Tom Servolo Riddle com um questionamento reflexivo: se Voldemort fosse capaz de amar, de compreender o amor, teria ele se tornado e feito tudo aquilo que se tornou e fez? A personagem Alvo Dumbledore responde a essa pergunta dizendo que “se ele fosse capaz de compreender, não seria Lord Voldemort, e, talvez, nunca tivesse matado ninguém” (ROWLING, 2007, p. 552).

CONCLUSÃO

Ao abordarmos o Duplo na personagem Tom Riddle/Lord Voldemort, observamos, primeiramente, que a série *Harry Potter*, como um todo, é um repositório de elementos e símbolos a respeito da temática. Encontramos o tema presente em um espelho que revela os desejos mais prementes do coração humano, em retratos que conversam com as personagens, em fantasmas, assim como em bruxos que se transformam em animais ou ainda em cópias idênticas de outras pessoas. Isso mostra que as obras de J.K. Rowling, apesar de contemporâneas, contêm elementos herdados da tradição clássica do Duplo do século XIX, bem como estão intimamente ligadas às crenças antigas da humanidade.

Rank, em *O duplo*, constrói a ideia, a partir de alguns exemplos da literatura do período clássico do tema, de que haveria dois motivos para o desdobramento do Eu. O primeiro deles seria o medo e a fuga da morte, que alimentariam o desejo do homem de se tornar imortal. O segundo, por sua vez, seria o mal e a angústia inerentes ao ser humano, capazes de entrar em conflito com o bem que temos dentro de nós.

O teórico, dando continuidade aos seus estudos, trouxe alguns elementos relativos ao Duplo, tais como a sombra, o reflexo e a figura dos gêmeos, que, segundo mitos primitivos, seriam a representação da alma. Rank, ao verificar como esses símbolos eram vistos pelos povos antigos, traz a ideia de que a alma seria a parte imortal do corpo, e que os dois, juntos, seriam responsáveis por formar uma unidade.

A partir do que vimos nos estudos de Rank, analisamos a personagem Lord Voldemort buscando identificar a manifestação do Duplo presente nela. Ao retomarmos passagens de sua trajetória ao longo da série, observamos como ela possuía as duas motivações para desdobrar-se em um outro Eu trazidas por Rank: Tom Riddle tanto tinha medo da morte e procurava fugir dela, tornando-se imortal, como apresentava um mal e uma angústia dentro de si, motivações que o levaram a criar as Horcruxes.

As Horcruxes, como dito no terceiro capítulo, são objetos nos quais uma pessoa deposita um pedaço de sua alma, mantendo seu espírito preso a este mundo, ou seja: se seu corpo for atacado ou destruído, ela não poderá morrer, visto que estará salvaguardada por esse simulacro em que está uma parte de seu Eu. Tom Riddle, no entanto, ultrapassou todos os limites da natureza ao desejar dividir sua alma em sete partes.

Identificamos a manifestação do Duplo em Lord Voldemort na criação de suas Horcruxes, atingindo o objetivo principal deste trabalho. Igualmente pudemos determinar que as muitas divisões da alma da personagem foram responsáveis por mutilar tanto seu espírito quanto o seu corpo. Tom Riddle é descrito em sua adolescência, como pudemos observar, como um rapaz bonito e cativante, mas, após dividir sua alma em oito partes (uma delas involuntária), ele se transforma em uma criatura monstruosa, de aparência ofídica e assustadora. A criação de sete Horcruxes foi responsável também por destruir o espírito da personagem, pois após a sua morte ela não foi capaz de “prosseguir”, permanecendo presa em um limbo por toda eternidade, possivelmente como punição por corromper sua alma em demasia.

Nosso objetivo secundário, que era classificar a manifestação do Duplo de Lord Voldemort em tipologias, também foi atingido. Encaixamos as Horcruxes, primeiramente, no tipo **fabricação de um simulacro**, proposto por Yves Pélicier, porquanto são objetos que guardam um Duplo da personagem. A partir desses simulacros, surgem os outros dois tipos nos quais encaixamos a manifestação encontrada. **Transformação**, proposta também pelo teórico francês, no qual o sujeito surge profundamente transformado fisicamente para os demais e para os outros. Por fim, de acordo com Juan Bargalló, pudemos classificar o Duplo de Voldemort também como **metamorfose**, visto que a lembrança que sai de uma de suas Horcruxes, o diário, em *A câmara secreta*, é uma forma não humana que representa uma forma humana.

Este estudo conclui, por fim, que o Duplo em Tom Riddle representa tanto uma volta ao período clássico do tema quanto a confirmação de que o homem contemporâneo permanece preso aos medos e preocupações mais primitivos da nossa espécie. A tentativa de escapar da morte parece-nos, hoje, tão presente quanto o era no século XIX, visto que o ser humano continua, e certamente continuará, a temer o desconhecido.

A imortalidade, possível na narrativa de Rowling, é para nós, em nosso mundo de “trouxas”, uma fantasia com a qual não vale a pena sonhar. O Duplo é apenas um consolo temporário, e os textos literários que abordam o tema nos mostram que não é possível fugirmos da morte ou vencê-la sem, ironicamente, encontrá-la em algum momento. “Afinal, para a mente bem estruturada, a morte é apenas a grande aventura seguinte” (ROWLING, 2000a, p. 253-254).

REFERÊNCIAS

BARGALLÓ, Juan. (Org.) **Identidad y alteridad: aproximación al tema del doble**. Sevilla: Alfar, 1994.

BLOOM, Harold. **Elas não são idiotas: entrevista concedida a Luís Antônio Giron**. *Época*, n. 246, 3 fev. 2003.

CHAMISSO, Adalberto von. **A história maravilhosa de Peter Shclemihl**. São Paulo: Liberdade, 1989.

COLBERT, David. **O mundo mágico de Harry Potter: mitos, lendas e histórias fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. "O duplo". In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: J. Aguillar, 1963.

FRASER, Lindsey. **Conversa com J.K. Rowling**. São Paulo: Panda, 2003

HOFFMANN, E.T.A. **História da imagem perdida**. *Contingentia*. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 1-10, maio. 2011.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

MAUPASSANT, Guy de. "O Horla". In: **Contos fantásticos – O Horla e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

POE, Edgar Allan. "William Wilson". In: **Histórias extraordinárias**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1993.

RANK, Otto. **O duplo**. Rio de Janeiro: Cooperativa, 1939.

PÉLICIER, Yves. "La problematique du double". In: RELATÓRIO 2013. **NARRATIVAS DO DUPLO: desdobramentos do EU na ficção contemporânea (1980-2010)**. Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Núcleo de Estudos em Literatura e Teorias do Imaginário.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a câmara secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a ordem da fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e o enigma do príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Porto Alegre: LP&M, 1985.

SMADJA, Isabelle. **Harry Potter – as razões do sucesso**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

SMITH, Sean. **J.K. Rowling: uma biografia do gênio por trás de Harry Potter**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro – Dr. Jekyll e Mr. Hyde**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Porto Alegre: L&PM, 2008.